

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Djalma Luiz Costa

“O espaço da “consciência negra na USP”

São Paulo

2016

Djalma Luiz Costa

“O espaço da “consciência negra na USP”

Trabalho de Graduação Individual apresentado
ao Programa de Graduação em Geografia da
Universidade de São Paulo, requisito para
a obtenção do grau de Bacharel.

Orientadora-

Profa. Dra. Ana Fani Alessandri Carlos

São Paulo, 2016.

O espaço da “consciência negra na USP”

Por

Djalma Luiz Costa

Trabalho de Graduação Individual aprovado para
obtenção do grau de Bacharelado, pela Banca
examinadora formada por:

Orientadora: Profa. Dra. Ana Fani Alessandri Carlos, FFLCH

Membro: Professor Doutor, FFLCH

Membro: Professor Doutor, FFLCH

Dedicatória:

Dedicado a pessoas que foram importantes em minha vida e que não estão mais presente neste mundo.

Minha querida Mãe: Maria Lourdes Costa

Meu querido Filho, Wesley Alves Luiz Costa, apesar ter vivido apenas quatro meses e quatro dias, e de ter partido há vinte anos, jamais será esquecido.

Meu cunhado: Demilsom Alves

Meu amigo: Anderson de Souza, e de vários outros amigos e colegas, vítimas da violência urbana cotidiana, da década de 1990 e início dos anos 2000.

Agradecimentos:

A minha companheira de todas as horas: Elizabete Alves, o maior presente que a vida poderia ter me dado, a maior guerreira que conheço, é exemplo, e referencia, à todos que a conhece, sendo que literalmente eu renasci com a nossa união!!!!

Meus filhos: Denis Alves Luiz Costa; Vanessa Alves Costa; Ana Paula Alves Costa; Isabella Alves Costa; e Ester Alves Costa.

Sendo minha família a base, a estrutura e o motivo não só para este trabalho, mais pela minha volta aos estudos depois dos trintas anos, e por minha vida, pois se não fosse esta família maravilhosa, certamente eu faria partes das estatísticas das vítimas da violência urbana da metrópole Paulistana.

A professora e orientadora; Ana Fani Alessandri Carlos, pela enorme contribuição para a minha formação, não apenas intelectual, mais também como ser humano, sendo sua postura intelectual, ética moral e sua franqueza, fundamental para a minha evolução, como estudante e como pessoa, me estimulando a me desenvolver em todas, em todas as áreas.

A todos os amigos e colegas do grupo de estudos do TGI, pois todos de alguma forma contribuíram no processo de desenvolvimento e encadeamento das ideias deste trabalho, embora individual no momento da redação, se trata de uma construção coletiva, construído ao longo das discursões e debates em grupo.

Ao NCN, pelo sonho de cursar uma universidade pública gratuita e de qualidade, sendo um dos meus sonhos hoje que a entidade continue a despertar, e ajudar na realização deste sonho ao maior número possível de jovens pobres e pretos, já tão oprimidos pelo sistema capitalista.

A todos os amigos e colegas que fiz durante a graduação, sendo estes muito importantes para a minha permanência, aprendizagem e evolução durante os anos que passei na USP.

Para não ser ingrato uma agradecimento especial ao meu filho Denis, pelo inestimável auxilio, na área de informática e tecnologia, Não só para elaboração do TGI, mais também pela assistência nessas áreas durante todo o percurso da minha formação.

Resumo:

O objetivo central desta pesquisa é iluminar e questionar o espaço da “consciência negra na USP”, e as contradições imanentes e intrínsecas, destes espaços em relação ao espaço e poder hegemônico produzido na e pela universidade, de forma homogeneizante, e o negativo desta, o qual tem como objetivo e meta uma maior diversidade sócio/racial, no espaço universitário.

A opção teórico/metodológica adotada com o intuito de iluminar o que esta obscurecido no processo de construção e manutenção deste fenômeno, foi o de retornar a raiz do racismo no Brasil, a escravidão. Para que pudéssemos ter uma contextualização e evolução histórica sobre este tema, analisando-o de forma dialética.

Em nossa pesquisa analisaremos a produção do espaço e as praticas cotidianas dos dois lados do conflito, nem sempre declarados, tanto a tentativa de homogeneização do espaço universitário na USP, como também as praticas cotidianas de resistências. Homogeneização versus diversidade social/racial.

Palavras chave: produção do espaço; consciência negra; homogeneização; resistência; diversidade sócio/racial.

Abstract:

The main objective of this research is to illuminate and question the space of "black consciousness at USP," and the immanent and inherent contradictions, these spaces in relation to space and power produced in and by the university, homogenizing and the negative thereof, the which aims to target and greater diversity social / racial, in the university space.

The theoretical / methodological approach adopted in order to illuminate what is obscured in the construction and maintenance of this phenomenon process, was to return to the roots of racism in Brazil, slavery. So we could have a context and historical evolution on this topic, analyzing the dialectic.

In our research we focus on the production of space and daily practices on both sides of the conflict, not always declared, both attempt to homogenize the university area of the USP, but also the everyday practices of resistance. Homogenization against social / racial diversity.

Keywords: production of space; Black Consciousness; homogenization; resistance; social / racial diversity.

MAPA:

Mapa 1 Localização das ocupações do movimento negro na USP Campus Butantã.....	45
--	----

IMAGENS:

Imagem 1 Sala de aula cursinho da FEA.....	21
Imagem 2 Abordagem policial no NCN.....	25
Imagem 3 Entrada do núcleo de consciência negra.....	28
Imagem 4 casa de cultura japonesa.....	44
Imagem 5 Galpão aonde se localiza o Núcleo de consciência negra.....	48
Imagem 6 Núcleo de Artes Afro-brasileira.....	50

LISTA DE GRAFICOS E DADOS:

Slide 1 dados: objetivos do programa de inclusão social da USP—INCLUSP.....	31
Slide: 2 dados: Escolas com maior número de alunos inscritos no INCLUSP—PASUSP.....	39
Gráfico 1 Porcentagens de pretos, pardos e indígenas na USP.....	33
Gráfico 2 Distribuição percentual da população por cor ou raça—1999/2000..	35
Gráfico 3 Distribuição percentual da população, por cor ou raça, segundo as grandes regiões—Brasil 2009.....	35
Gráfico 4 Matriculados medicina USP.....	36
Gráfico 5 Matriculados poli—Zoom nas etnias não brancas.....	37

SUMARIO:

Introdução.....	9
CAPITULO 01 Contextualização sobre o tema	11
1.1 Sobre a escravidão.....	12
1.2 Sobre a criação da USP	15
CAPITULO 02 Homogeneidade X Diversidade Sócio/racial.....	18
2.1 O nascimento do outro, da estrutura universitária da USP.....	18
2.2 Resistencia e persistência.....	26
2.3 O que move essas pessoas.....	28
2.4 USP e sua “forma de inclusão”	30
2.5 análise dos dados do INCLUSP.....	31
CAPITULO 03 Em direção a teoria.....	40
3.1 Dialogo com a teoria.....	40
3.2 A geografia e a produção do espaço	41
3.3 Simultaneidade.....	42
CAPITULO 4 Dialogo com a pratica cotidiana.....	46
CAPITULO 5 Cotidiano e cultura.....	51
5.1 Alienação Cotidiana.....	51
5.2 Acesso ao Espaço Público Universitário.....	52
5.3 cultura e seu poder revolucionário.....	53
Algumas considerações para finalizar	63
ANEXO A: O QUE É O PIMESP.....	67
Bibliografia	79

Introdução:

os incomodados que mudem o mundo!

(autor desconhecido)

Esse TGI surge de uma indignação: esta se gesta nas formas mais sutis e disfarçadas de racismo e apartamento que pontuam o plano da vida cotidiana do negro dentro e fora da universidade. Surge, portanto, na luta contra essa situação. Surge da necessidade de dar visibilidade a um problema facilmente ignorado sob o mito de que nossa sociedade não é racista.

No momento atual, o movimento negro e o debate sobre o racismo na USP, vivem um período de efervescência e ebulição, este tema jamais esteve tão em evidência na universidade quanto no período atual, no mês de junho de 2015 aconteceu o “primeiro seminário negros e negras na USP”, realizado no auditório da história, nos dias 19, 20, e 21 de Junho.

No mês de Agosto entre os dias 24, 25 e 26 ocorreu o “simpósio negros nas cidades brasileiras, 1890 à 1950”, realizado no centro universitário Maria Antônia (CEUMA-USP), além de ações do coletivo de estudantes negros¹, e da “ocupação preta”², a qual ganhou destaque ao intervir numa aula na FEA (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade), e um vídeo gravado nesta intervenção se transformar em um viral na internet, e obter milhares de acesso, e também de protestar durante uma aula de pós graduação de um professor inglês, sobre o tema racismo e Q. I. no instituto de biologia.

Cotas raciais e permanência estudantil nunca alcançaram tanto apoio, e espaço no debate dentro do DCE (diretório central dos estudantes da USP), quanto ao momento atual. As questões de gênero passam por momento e movimento semelhante, e ambos têm potencia para apontar novas possibilidades para a superação destas questões em nossa sociedade.

Nosso tema de pesquisa é o racismo dentro do campus da USP, localizado na cidade universitária no bairro do Butantã, citamos o feminismo, para demonstrar a existência de outras frentes de lutas contras as desigualdades e injustiças, embora entendamos que esta fragmentação dos movimentos favoreça ao poder hegemônico constituído e estruturado dentro da universidade, o qual se utiliza do saber para sua perpetuação no poder.

O germe a qual deu origem a esta ebulição do movimento negro é o NCN (Núcleo de consciência negra), presente dentro do campus há 28 anos, e desde sua fundação promove a luta política, e briga pelo espaço do negro na

¹ Coletivo de estudantes negros na USP

² Ocupação preta Coletivo de estudantes negros dentro e fora da USP

universidade, sendo durante um longo período o único movimento negro presente na universidade.

Desde a sua fundação o NCN sobrevive graças a sua enorme capacidade de resistência, frente as forças opressoras hegemônicas, as quais, visam a todo custo eliminar este espaço, suas lutas políticas, educacionais e seus ideais, com o intuito de homogeneização de uma classe no espaço do poder.

Este trabalho de pesquisa visa iluminar as contradições, existentes e a desproporcionalidade de forças nesta luta, e o modo como a universidade tenta negar, e ou dissimular o preconceito sócio/racial imanente à universidade desde a sua fundação, demonstrando limpidamente os meios utilizados por esta para a tentativa de alcançar seus objetivos, e também os meios de resistência utilizados pelo NCN, o qual entendemos ser, um resíduo irredutível. o outro da logica capitalista, e da estrutura desta universidade. (Bensaid, 2008)

Abordaremos este tema na tentativa de compreensão de suas especificidades e contradições desde o período do fim da escravidão, a fim de contextualiza-lo, mas colocaremos o foco no espaço produzido e reproduzido da cidade universitária da USP campus Butantã, extrapolando no final para o aspecto cultural, sua capacidade de denuncia e de propostas para a superação do racismo e das imensas desigualdades sociais.

Poderíamos elencar adiante vários aspectos, formas, conteúdos, estruturas, locais, causas e consequências para as discriminações e preconceitos sócio/raciais exercidas pelo poder hegemônico, mais sem duvida, a citação a seguir de Henri Lefebvre, embora não cite o racismo é capaz de sintetizar e até ir além de tudo que pretendemos discutir neste trabalho de pesquisa, define a realidade atual de nosso país.

A hegemonia se exerce sobre a sociedade inteira, cultura e saber incluídos, o mais frequente por pessoas interpostas: Os políticos, personalidades e partidos, mas também muitos intelectuais, cientistas. Ela se exerce, portanto, sobre as instituições e sobre as representações. Hoje em dia, a classe dominante mantém sua hegemonia por todos os meios, aí incluído o saber. O vínculo entre saber e poder torna-se manifesto, o que em nada impede o conhecimento critico e subversivo e define, ao contrario, a diferença conflitual entre o saber a serviço do poder e o conhecer que não reconhece o poder. (Lefebvre, 2006, pag. 17).

Capítulo 1

Contextualização histórica do tema:

Antes de se tentar responder, ou ao menos compreender as complexidades referentes ao racismo dentro do espaço da USP, se faz necessário um regresso histórico ao período do fim da “escravidão” marcado pela transição da propriedade do homem (escravidão) para a propriedade da terra, do regime servil para a sociedade de classes, fundamentos do capitalismo.

Encontra-se a partir daí o poder de contestação da ordem social vigente, que o tema do racismo pode e deve representar, é uma possibilidade (hipótese) de se atacar as bases do capitalismo, com esperanças em sua superação, iluminando o que a classe dominante, procura esconder e negar, acreditamos ser este o principal motivo para o abandono e invisibilidade do tema, do racismo, dentro desta universidade pós os trabalhos de realizados por Florestan Fernandes³

Sendo comum não se encontrar na universidade nenhuma linha de pesquisa relevante e com apoio institucional, com o intuito ou objetivo de enterrar de vez o mais que ultrapassado mito da “democracia racial”, dando seguimento as pesquisas de Florestan, as quais só foram realizadas porque o objetivo inicial do estudo, encomendado pela UNESCO, era confirmar o mito da harmonia racial no Brasil, mas obtendo como resultado exatamente o oposto.

Para nossa análise histórica referente ao período da “abolição” (1888) até o seu centenário (1988), buscaremos promover um dialogo entre Florestan Fernandes e outros autores, os quais a nosso ver promovem uma abordagem e uma interpretação mais coerente e apropriada no que diz respeito a não vitimização do negro, analisando o negro como sujeito e não apenas objeto, na sua luta pela emancipação e autonomia, sem jamais minimizar ou desqualificar a extrema importância e contribuição de Florestan Fernandes para a iluminação e os esclarecimentos com relação às desumanidades do racismo.

Levando-se em consideração o pioneirismo de Fernandes, ressaltando as limitações impostas pela época de suas pesquisas, e salientando que os outros autores, os quais trouxemos para este dialogo tanto Andrews⁴, como

³ Fernandes, Florestan. A integração do negro à sociedade de classes; Rio de Janeiro GB—1964
Fernandes, Florestan. O negro no mundo dos brancos; apresentação de Lilia Moritz Schwarcz 2ª edição, Global Editora, São Paulo, 2007.

⁴ Andrews, George Reid, 1951- Negros e brancos em São Paulo (1888-1988) /George Reid Andrews; tradução: Magda Lopes; revisão técnica e apresentação Maria Ligia Coelho Prado- Bauru, SP: EDUSC, 1988.

hasenbalg⁵ em vários trechos comentam os trabalhos de Fernandes décadas após a publicação dos brilhantes trabalhos deste autor, concluímos que nada mais natural do que alguma discordância.

Importante ressaltar e salientar que apesar desta divergência neste aspecto, algo que consideramos natural, principalmente levando-se em consideração a diferença no que se refere ao tempo em que cada uma das pesquisas e publicações foram feitas, apontaremos, além das divergências também convergências de ideias em vários aspectos, esclarecemos que todos estes autores concordam com o fato de que, a transformação do trabalho escravo em exploração do trabalho assalariado, demonstra que a saída da escravidão é um processo, o qual cria novas dependências e formas de exploração.

O fim da escravidão com a instituição da “abolição” acaba com a escravidão em termos jurídicos, mas não acaba com a escravidão dentro do homem, seja branco, seja negro.

1.1 Sobre a escravidão

Alguns autores afirmam que os negros não foram preparados nem educados para competir na nova ordem social, a sociedade de classes, pois estes só se reconheciam como escravos ou libertos e não como trabalhadores “livres”, (sendo o trabalho associado a escravidão pelos ex-escravos) preparados para competir com os imigrantes brancos europeus, já habituado ao trabalho livre.

Agora a elite branca com sua arrogância, se sentindo a raça superiora, e movidos por um sentimento de vingança, devido ao enorme número de fugas e a resistência do negro ao regime escravista, e por medo de uma revolução negra nos padrões do Haiti⁶, aproveitou-se da oportunidade para promover uma enorme imigração de europeus, principalmente italianos, abandonando os ex-escravos a sua própria sorte, desobrigando assim até de lhes fornecer alimentação, moradia, ou qualquer outro direito. Esta foi a recompensa recebida pela população negra por mais de três séculos de trabalho escravo. A filósofa Marilena Chaui corroborando com afirmação anterior escreveu:

Os historiadores brasileiros mostram que, por razões econômicas, a elite dominante do século 19 considerou mais lucrativo realizar a abolição da escravatura e substituir os escravos africanos pelos imigrantes europeus. Essa decisão fez com que o mercado de trabalho fosse ocupado pelos trabalhadores brancos imigrantes e que a maioria dos escravos libertos ficasse no desemprego, sem habitação, sem alimentação, sem qualquer direito social, econômico e político. (Chauí, 2000, pag. 368)

⁵ Hasenbalg, Carlos, A. Discriminação e desigualdades sociais no Brasil, Belo Horizonte: editora UFMG.

⁶ Primeira revolução de escravos, a obter êxito no intuito de tomar o poder nacional das mãos dos brancos.

Embora o Brasil possuísse o maior contingente de negros fora da África, foi o último país do mundo a abolir a escravidão, segundo Andrews entre 1900 e 1950 o Brasil cultivou com sucesso uma imagem de si mesmo, como a primeira “democracia racial” do mundo, uma terra em que negros e brancos conviviam harmoniosamente sob condições de, quase completa igualdade, ele e vários outros autores apontam Gilberto Freire como principal representante teórico da “democracia racial”, considerando que, “se o negro tiver dinheiro, será tratado com o mesmo respeito que os brancos”. Ou “os negros são desrespeitados porque são pobres, não porque são negros”. Através desta falsa argumentação colocava que, a existência da democracia social podia até ser questionada, mas não a “democracia racial”

Andrews opõe-se frontalmente a esta afirmação teórica, concordando com a pesquisa de Fernandes, a qual, põe em cheque, o mito da “democracia racial”, embora discorde em algumas partes das conclusões deste autor.

Analizando as teses de Fernandes, Andrews aponta dois aspectos negativos e de desvantagem específica para os afro-brasileiros constituídos pela experiência da escravidão:

Primeiro: Deixou uma forte herança do racismo, o qual tornava os brancos não propensos a aceitar os negros como iguais. O segundo aspecto importante da herança negra, é o modo como a escravidão mutilou suas vítimas intelectual, moral, social e economicamente.

Neste contexto de ideias surgiu o conceito de “espoliação secular”, de que tem sido vítima o negro, prevalecendo a convicção profunda e generalizada de que o negro “saiu da escravidão física para entrar na escravidão moral, sendo esta mais difícil de combater, por não ser reconhecida, e suscitar controvérsias até mesmo nas suas vítimas. A espoliação secular caminha no tempo, o negro que não estava preparado para a liberdade continua escravo da ignorância e perpetua a sua servidão através de seus filhos.

Com a compreensão de que a escravidão não construiu a família negra, muito pelo contrário à corroe e destruiu, sem jamais instilar nos escravos um sentido de comunidade e autoestima. Fundamentalmente por questões de segurança, buscou-se extirpar e destruir quaisquer laços ou instrumentos de solidariedade, e ou, apoio mútuo que os escravos pudessem ter trazidos da África ou tentado construir no novo mundo.

No que se refere ao recém-instalado mercado de trabalho houve um enorme favorecimento aos imigrantes brancos europeus, simultaneamente se junta a este contexto o imenso preconceito aos negros, e o ideal de embranquecimento da população brasileira, promovidos pelas elites aristocráticas, diante deste cenário, não houve competição entre negros e

brancos no mercado de trabalho, sendo os negros postos de lado em favor dos imigrantes brancos europeus.

Em suas pesquisas Andrews afirma que nos quarenta anos que se seguiram a abolição, São Paulo recebeu mais de dois milhões de imigrantes europeus, dos quais, quase metade tiveram suas passagens transatlânticas pagas pelo governo do estado (investimento público em favor do interesse privado e em detrimento do povo brasileiro, pois grande parte dos ex-escravos havia nascidos no país), em prol dos produtores de café, e em desvantagens a população negra, no recém-criado mercado de trabalhadores assalariados.

Mas, os negros ainda tinham utilidade para essa nova ordem econômica capitalista, no qual o primeiro e praticamente único objetivo é o lucro, no seu limite máximo, sendo assim os negros seriam utilizados como um exército de mão de obra reserva, do qual se poderia utilizar no momento em que fosse necessário, controlar os salários e ou benefícios dos imigrantes europeus, neste sentido Andrews aponta.

É impossível ter baixos salários, sem violência, se houver poucos trabalhadores e muitas pessoas querendo emprega-los. “É evidente que precisamos de trabalhadores... para aumentar a competição entre eles, e dessa maneira os salários baixarão devido a lei da oferta e da procura”.

Sim, a oferta e a procura iriam agora substituir a violência e a coerção da escravidão como um meio de organizar a produção, declarou o senador Antônio Prado, membro de uma das famílias mais importantes da província e um entusiasmado- embora tardio convertido ao “abolicionismo do fazendeiro”. Pretenderá acaso a honrada oposição que o governo deva propor ao poder legislativo, meios coercivos que tenha virtude de forçar o liberto ao trabalho? Quais poderiam ser estes meios? Não será por ventura, a liberdade a garantia mais eficaz para que a lei econômica da oferta e da procura regule convenientemente as condições de trabalho? (Andrews, 1988, pag. 99)

Para este autor, o liberto esta, portanto segregado, inutilizado perdido para a vida produtiva, nos primeiros anos pós “abolição”, neste sentido, Fernandes nos relata, a este respeito:

...O efeito de tudo isso foi que o negro e o mulato emergiram do mundo servil sem formas sociais para ordenar socialmente a sua vida e para integrar-se , normalmente, a ordem social vigente, Não só saíam da escravidão espoliados material e moralmente; vinham desprovidos, em sua imensa maioria, dos meios para se afirmarem como categoria social à parte ou para se integrarem, rapidamente, às categorias sociais abertas a sua participação. (Fernandes, 1964, pag. 43)

Desde a “abolição até a década de 1930 a população negra nunca se viu representada pela república, nem as suas causas, durante mais de quarenta anos, não houve nenhum projeto ou ação pública que trouxessem benefícios significativos para a população negra, conseqüentemente para uma grande parcela da população pobre, pois se se pode, discutir em relação, se a maioria dos pobres são ou não negros, é inquestionável que a imensa maioria absoluta

dos negros são pobres, e a primeira república ignorou esta parcela da população, ficando estes relegados a sua própria sorte.

Com a chegada de Getúlio Vargas a presidência da república através da revolução de 1930, e a interrupção da política do café com leite⁷, houve uma maior atenção as causas dos negros e dos pobres em geral.

Este período também marca o início da indústria de base no Brasil, e o consequente processo de industrialização do país, como também a criação das principais leis trabalhistas, as quais beneficiaram toda a classe trabalhadora brasileira, (as quais estão sendo perdidas na atualidade com a flexibilização desta leis, terceirização e a transformação de muitos trabalhadores em PJ, deixando de ser assalariado para se transformar em pessoa jurídica, etc.)

Nenhuma das principais perspectivas sobre relações raciais no Brasil considerou com seriedade a possibilidade da coexistência entre racismo e o desenvolvimento capitalista industrial.

Carlos A. Hasenbalg é um dos poucos autores a oferecer uma interpretação teórica alternativa, para a reprodução das desigualdades raciais no Brasil, e das relações entre raça, o sistema de classes e a mobilidade social, critica também a ideia da escola sociológica paulista (notadamente Florestan Fernandes), no que diz respeito a considerar o racismo como um “resíduo” da ordem escravocrata.

Para este autor a discriminação racial no Brasil é resultado direto das desigualdades entre brancos e não brancos em diferentes esferas – educação, economia e acesso ao trabalho, discordando da interpretação em que as relações sociais, pós-abolição são vistas como uma área residual de fenômenos sociais, resultante de padrões “arcaicos” de relações intergrupais formados no passado escravista, Hasenbalg argumenta que:

- a) Preconceito e discriminação raciais não se mantêm intactos após a abolição, adquirindo novas funções e significados dentro da nova estrutura social; b) As práticas racistas do grupo racial dominante, longe de serem mera sobrevivência do passado, estão funcionalmente relacionadas aos benefícios simbólicos e materiais que os brancos obtêm da desqualificação competitiva do grupo negro e mulato. Neste sentido, parece não existir nenhuma lógica inerente ao desenvolvimento capitalista que leve a uma incompatibilidade entre racismo e industrialização. A raça como atributo adscrito socialmente elaborado, continua a operar como um dos critérios mais importantes no recrutamento às posições da hierarquia social. (hasenbalg, e Silva 1988, pag.. 166)

1.2 Sobre a criação da USP

⁷ Acordo de alternância no poder entre os políticos paulistas e mineiros.

A USP nasce como um projeto de classe, da elite aristocrática paulista, para a formação dos filhos desta elite, e a consequente busca de sua perpetuação no poder, objetivo este alcançado em partes, mas por outro lado contraditoriamente, desenvolveu-se nas ciências sociais e humanas, dentro da USP forte resistência e oposição ao projeto de homogeneização de uma classe social no universo do saber, entretanto, a grande maioria dos alunos de graduação e pós graduação e dos professores ainda são oriundos desta elite, nesta universidade.

Coincidência ou não, não acreditamos em coincidência a USP foi criada no momento em que a elite aristocrática e conservadora paulista havia perdido boa parte de seu poder e influencia, na política nacional, e ao mesmo tempo as classes sociais mais baixas, incluindo a maioria da população negra, conquistavam boa parte de seus direitos como trabalhadores e cidadãos (direitos atualmente ameaçados pela política neoliberal), nos leva a acreditar, que a criação da USP trata-se de uma estratégia para a reconquista da burguesia de um poder e um prestígio quase absoluto, através do saber, proporcionado a esta classe, em detrimento de todo o resto da sociedade, fundamentalmente da população negra, a qual se encontrava em um estágio de maior atraso em termos econômicos, educacionais, sociais, políticos e até mesmo psicológico.

A luta do movimento negro prossegue durante a segunda metade do século XX (algumas situações expressam as frentes de luta) a) em 1969 um grupo de artistas e intelectuais negros fundaram o Centro de Cultura e Arte Negra, no bairro do Bexiga; b) Andrews descreve que em 1978, com uma maior repercussão de alguns atos racistas cotidiano, como a morte de um trabalhador negro sob custódia da polícia, com evidências de torturas, após ficar detido por vários dias sem nenhuma acusação, outro fato que repercutiu foi a expulsão sumária de quatro jovens negros do clube de regatas Tiete, onde estavam jogando por um time de vôlei, apesar de serem cotidianas, quase que totalmente naturalizadas estas ações e atitudes racistas ganharam ênfase, pois estava-se próximo do nonagésimo aniversário da emancipação, e a negação da promessa de 13 de maio de igualdade e democracia racial.

Num encontro ocorrido em 13 de junho realizado no Centro Cultural de Arte Negra, foi fundado o MNU (Movimento Negro Unificado), tendo uma orientação explicitamente política, com a missão de conscientizar a população negra com respeito à discriminação e a desigualdade racial na sociedade brasileira.

O MNU nasceu com o intuito de pressionar o governo, e os partidos políticos brasileiros, além de outras instituições (Universidade, tribunais e a igreja), a combater o racismo dentro de suas próprias instituições e na sociedade em geral, a fim de adotarem políticas que conduzam à expansão econômica, educacional, saúde e lazer entre outras para a população negra como um todo.

Para além destes objetivos iniciais de combate ao racismo e a hierarquia racial entre brancos e negros, o MNU buscava também um objetivo maior, o qual visa a superação do capitalismo e a implantação do socialismo, entendendo que o racismo é uma consequência inevitável do desenvolvimento capitalista, e que a única maneira de se criar uma genuína democracia racial no Brasil seria a substituição do capitalismo pelo socialismo, esta orientação afastou muitos possíveis adeptos, entretanto, mesmo os afro-brasileiros que não compartilhavam desta postura ideológica do MNU se mostravam favorável com o objetivo de chamamento de toda a população negra para que se envolvesse no combate ao racismo.

Gostaríamos de salientar que a história ensinada nas escolas sobre a “abolição”, procura de forma intencional apagar os atos e ações dos negros para a conquista de sua liberdade, naturalizando a escravidão(??) e com isso obscurecendo a luta dos negros por igualdade. Numa tentativa explícita de coisificação do escravo, com a clara intenção doutrinária de mostrar os negros como um ser passivo, objeto. Na realidade trata-se de sujeitos lutando para mudar a sua condição diante de todas as opressões racistas. Na luta, e a resistência do negro contra a escravidão e as situações de desigualdade e preconceitos vividas sob a imagem de um país sem preconceitos. A luta por igualdade se estende contra a discriminação e preconceitos encrustadas e naturalizadas na mente de uma parcela significativa da sociedade e incrustada na elite egoísta, individualista e perversa. Essa luta chega portanto na escola aonde o preconceito e o racismo são ocultados nas aulas de história perpetuando uma situação de classe e encobrindo a desigualdade o que é favorável para a perpetuação de sua classe. Assim perpetua-se o poder de uma elite branca no poder, trazendo como uma de suas consequências obscurecimento de uma história de luta resistência e persistência dos negros para sua emancipação e autonomia frente aos poderes opressores.

O MNU foi muito importante como referência e também pelo apoio a fundação em 1988 do NCN (Núcleo de Consciência Negra), mas as implicações complexidades e consequências destes fatos ficam para os próximos capítulos.

Capítulo 2

Homogeneidade X Diversidade sócio/racial

EM 1988, ano de comemoração do centenário da “abolição”, a discursão e o debate sobre o preconceito racial, o racismo e a luta pela igualdade racial, estavam em vigorosa ebulição e em evidencia por todo o país, e em praticamente todos os setores da sociedade, inclusive nos meios mais conservadores, da elite burguesa brasileira, a qual através de seu mais poderoso grupo de comunicação procurou desviar o foco das reivindicações e denúncias do movimento negro, com a tentativa de reviver e revigorar o mito da “democracia racial”, a este respeito Andrews escreveu:

Entretanto, embora o mito esteja em grande parte desacreditado, seria prematuro imaginá-lo completamente apagado. É um conceito que está profunda e amplamente difundido na sociedade brasileira e que não será derrubado da noite para o dia. Como se poderia esperar, o centenário foi também uma oportunidade para aqueles que nele acreditam reafirmarem seu compromisso, como fez o jornal O GLOBO, do Rio de Janeiro, em seu editorial “A Verdadeira Discriminação”. O GLOBO declarou que se existia discriminação no Brasil, era discriminação contra os pobres, não contra os negros. E incitava os negros a não se permitirem ser “manipulados” (não ficou claro por quem) para “uma relação adversária potencialmente violenta, entre negros e brancos. Seria uma repetição dos acontecimentos sangrentos dos Estados Unidos na década de 1960” (Andrews, 1988, pag.352).

É neste momento e contexto, de tentativa de se negar o racismo, tanto pelos principais meios de comunicação, como pela Universidade de São Paulo, em que se dá o nascimento do Núcleo de Consciência Negra na USP.

2.1 O nascimento do outro, da estrutura universitária da USP

Em 1988 Devido às comemorações do centenário da “abolição” até os setores mais conservadores de nossa sociedade se sentiram obrigados a retomar este tema, mesmo que fosse apenas para dar uma satisfação a sociedade, sem a menor intenção, de se debater profundamente as causas, consequências, e as reais possibilidades que o combate ao racismo, poderia trazer de avanços e melhoria, à vida de pelo menos metade da população brasileira.

Neste interim a USP promoveu neste mesmo ano um simpósio internacional para debater as questões dos negros no Brasil. Foram convidadas para compor a mesa as maiores autoridades brasilianista da época, entre eles Thomas Skidmore e muitos outros, além de pró-reitores de graduação e pós-graduação, um simpósio com pompa e cerimônia (para inglês ver), pois no ano de centenário da “abolição”, um simpósio para tratar das questões dos negros não contava com a presença de nenhum negro na mesa, não que não houvesse

intelectuais negros na época, embora poucos, Milton Santos por exemplo lecionava no departamento de geografia neste período, Kabenguele Munanga, Henrique Cunha Junior, Eunice Prudêncio entre outros. Tal fato tão pouco mudou numa universidade em que seus professores são em esmagadora maioria, brancos.

Diante deste absurdo e como forma de protesto, alunos, funcionários e intelectuais negros compuseram e formaram toda a primeira fila, da principal mesa do evento, fato este que causou um enorme constrangimento e mal estar em todos os presentes inclusive os palestrantes, pois havia brancos brasileiros e estrangeiros para falar sobre os negros e suas questões. Seriam esses negros invisíveis? Ou não teriam capacidade intelectual para debater as suas questões, e de sua raça dentro da academia?

Este acontecimento somado a ausência do negro como aluno ou professor na universidade, e as opressões cotidianas sofridas pelos poucos negros que estudavam ou lecionavam na universidade, contrasta com a constatação de que este quadro era inversamente proporcional, quando se analisava os funcionários, fundamentalmente os menos qualificados e com piores salários, são negros. Trata-se de uma situação que acompanha a distribuição de cargos na sociedade brasileira. Os negros são a minoria em cargos de altos salários.

Associa-se a este fato a discriminação que os negros sofrem no cotidiano da metrópole, discriminações estas que por serem culturais e naturalizadas, se iniciam já na infância, com os apelidos e “brincadeiras” pejorativas, que se seguem e se agravam inclusive no ambiente escolar, sendo uma das principais causas de bullying, e em alguns casos praticados até mesmo por professores mal formados e despreparados para exercer a função, o qual a priori deve combater todo tipo de discriminação e preconceito.

Há discriminações contra os negros também no mercado de trabalho, sendo incomum um negro ocupar um cargo de diretoria, e até mesmo em empregos mais simples como no comércio em geral, acentuadamente em shoppings, ou lojas e comércios nos bairros nobres, esta discriminação é percebida pela quase total ausência dos negros nestes espaços, ocorre também no mundo virtual através da internet, e até mesmo em estádios de futebol. Enfim em todos os setores da sociedade, e as universidades não estão imunes a estas ações, mesmo que às vezes dissimuladas.

Surgindo daí a necessidade imperiosa da criação de uma entidade que representa-se os negros dentro da universidade. Todavia, considerando a falta de vontade política e a impossibilidade de criação desta entidade dentro do espaço institucional universitário, os negros em reunião fundaram o Núcleo de consciência negra na USP.

Segundo nos foi relatado pelos fundadores do NCN, Henrique Cunha Junior, membro da ADUSP (Associação dos Docentes da USP); Jupiara Castro, do SINTUSP (Sindicato dos Trabalhadores da USP) e Wilson Honório, diretor do DCE (Diretório Central dos Estudantes da USP), tanto em entrevistas, como também em varias mesas de debate, das quais Participaram juntos ou separados sobre a questão “do negro e do racismo” afirmaram que ganha força o sentimento de revolta contra estas opressões hegemônicas vividas no cotidiano de forma clara ou sombreada (ou ainda disfarçadas) trazendo como urgência a necessidade de reforço da identidade do negro com seu semelhante e com sua historia.

Também viam como positivo, e uma feliz coincidência histórica a constatação naquele momento de se ter um militante negro em cada uma das três principais entidades que compunham a universidade; os professores ADUSP; os alunos DCE e os funcionários SINTUSP, foram fatores determinantes, os quais propiciaram e proporcionaram a fundação do NCN.

No inicio de suas atividades, sem espaço físico, as reuniões do NCN ocorriam dentro do SINTUSP, no começo da década de 1990 o NCN ocupou um dos vários galpões que existiam dentro do campus, os quais haviam sido construídos e utilizados na década de 1960 para abrigar provisoriamente algumas faculdades, as quais estavam de mudança para o campus e aguardavam o termino de algumas obras, nos locais onde se instalariam definitivamente.

Com o término destas obras e a mudança definitiva das faculdades vários galpões foram desocupados, a universidade ocupou alguns para as suas atividades principalmente a faculdade de medicina veterinária, mas, alguns galpões ficaram vazios.

O NCN ocupou e ressignificou um destes espaços, tendo por conteúdo um lugar de reunião aonde temas importantes para a luta contra o racismo e pela igualdade pudessem ser debatidos. Criava-se, portanto um espaço de resistência movido pela utopia. Gestava-se pela necessidade de construção de uma identidade que moveria a luta politica contra o racismo dentro e fora da universidade. Aparecia como o irreduzível ao processo hegemônico; Como persistência para a manutenção e ampliação de todos os significados anteriores, e a defesa de todas as causas e bandeiras contra o racismo e contra todos os tipos de desigualdades.

Agora com um espaço físico e a convicção de que com o sucateamento e a baixa qualidade das escolas públicas nas periferias, os jovens pobres e pretos não teriam a menor chance de entrar nas universidades públicas, principalmente na USP, criou-se em 1994 o seu cursinho pré-vestibular popular e gratuito, o qual vem desempenhando um papel social politico e educacional muito importante e inspirador, o qual despertou ou reacendeu o sonho utópico

de jovens pobres e pretos cursarem uma universidade pública, gratuita e de qualidade, utopia esta materializada e concretizada por muitos dos ex-alunos do NCN, sendo esta pesquisa mesmo, fruto desta utopia.

Além de possibilitar o ingresso de centenas ou milhares de estudantes pobres, a universidades privadas, através de bolsas do prouni, obtidas através do bom desempenho destes no ENEM, e a outros jovens ou não tão jovens se prepararem para diversos concursos que exigem ensino médio ou fundamental.

Esta ação incomodou e incomoda muito, a ala mais conservadora da universidade, a qual acredita não existir espaço, para os pretos e pobres dentro da USP, e tenta inviabilizar as atividades do NCN, ou de ações semelhantes, as quais tenham como escopo promover o acesso de jovens desfavorecidos economicamente, pertencentes a base da pirâmide social, ao espaço universitário, o que pode ser constatado, com ações e atitudes, de modo a não apoiar essas ações ou iniciativas, ignorando-as ou boicotando-as; Neste sentido o jornal do Campus publicou:

FEA ameaça atividades de cursinho popular

21 de outubro de 2015 Redação JC Diretoria afirma que entidade tem fins privados, mas alunos defendem que não visam lucro.

Imagem 1 Sala de aula cursinho da FEA.



Foto: Barbara Monfrinato

No dia 2 de outubro, o diretor da Faculdade de Economia e Administração, Adalberto Fischmann, declarou que o Cursinho da FEA não poderia mais

realizar suas atividades na faculdade a partir do ano que vem. A justificativa do diretor para tal decisão foi de que o cursinho estaria de forma irregular dentro da universidade.

O comunicado foi dado em uma reunião com os coordenadores do cursinho. Essa, porém, não foi a primeira a ser realizada com essa temática. Em agosto, o diretor já havia informado que eles não poderiam mais utilizar as salas da FEA aos sábados a partir de 2016. Os motivos seriam os transtornos causados pelo cursinho na universidade. “Segundo ele, são 480 pessoas desconhecidas andando pela USP aos sábados”, conta Gabriel Bueno Terhoch, coordenador de Recursos Humanos do projeto.

Com isso, os membros da coordenação do cursinho fizeram um levantamento de todos os possíveis inconvenientes causados por eles nos finais de semana. Entretanto, logo no início da reunião, o diretor comunicou à Procuradoria Geral da USP que o cursinho estava irregular na universidade. Segundo ele, o cursinho seria uma entidade com fins privados utilizando o espaço de uma faculdade pública. “Mas isso soa muito estranho para nós porque somos um projeto sem fins lucrativos. Além disso, na FEA, por exemplo, todas as entidades e fundações usam o espaço da faculdade. E nenhuma outra atividade está sendo questionada”, afirma Gabriel.

Assim, no dia 13 de outubro, as entidades da FEA publicaram uma nota comunicando a decisão do diretor Adalberto Fischmann e apoiando a permanência do cursinho na faculdade. O coordenador de Recursos Humanos explica que essa proibição é algo que preocupa todos os projetos. “Uma vez que usar o espaço da FEA sem ser a própria FEA é irregular, se você não é do CAVC ou da FEA, você automaticamente não tem vínculo com a faculdade”.

Para os coordenadores do cursinho, essa decisão foi um choque. As gestões anteriores a de Fischmann reconheceram a importância do curso. Reinaldo Guerreiro, por exemplo, diretor da FEA até o ano passado, chegou a fazer um documento afirmando o cursinho como entidade e projeto social.

Quando começou, em 2000, o cursinho era parte de uma parceria com o CAVC (Centro Acadêmico Visconde de Cairu). Eram cobradas mensalidades dos alunos, até que, em 2004, a Procuradoria Geral da USP procurou os membros gestores do projeto para regularizá-lo, já que era proibido realizar qualquer tipo de atividade financeira dentro do campus. Assim como outros cursinhos, que também cobravam mensalidades, o da FEA se adaptou. Passaram, então, a cobrar apenas uma taxa de matrícula (de R\$130 a R\$300) para manutenção do curso.

Procuradoria geral

Na segunda-feira (19) à tarde, foi realizada a terceira reunião entre Adalberto Fischmann e os coordenadores do cursinho, que levaram um advogado com eles. No entanto, a fim de orientar judicialmente o caso, houve também a participação da Procuradoria Geral da USP.

Segundo Gabriel, o veredito do procurador presente foi de que a situação não se trata de um problema legal, mas administrativo. “Como a gente não cobra mensalidade e não tem remuneração para a nossa diretoria, não teria nenhum problema de a gente existir. A gente só tem que se acertar com a diretoria da FEA”, completa.

O diretor da faculdade expôs alguns dos transtornos causados pelo cursinho para a comunidade universitária e insistiu na proibição do funcionamento aos sábados. Gastos com equipes de segurança e faxina e problemas nos banheiros decorrentes do grande contingente de pessoas que os utilizam seriam alguns dos motivos para o fim das turmas de sábado. Porém, segundo Gabriel, “o cursinho não consegue existir só durante a semana por uma questão de estrutura de curso: das nossas quatro turmas, três são só aos sábados”.

Portanto, por enquanto, o funcionamento do cursinho durante a semana se mantém. Mas ainda será realizado, por parte dos coordenadores do projeto, o levantamento de possíveis soluções para os transtornos causados aos sábados, citados pelo diretor.

Hoje (quarta-feira, 21) acontece a reunião da Congregação da FEA e o cursinho será uma das pautas discutidas.

Outros cursinhos

Só dentro da USP, existem em torno de dez cursinhos populares. Desses, quatro formam uma liga: cursinho da Poli, o da FEA, o MedEnsina e o Arcadas. Nela, os membros trocam experiências e auxiliam uns aos outros, mas, principalmente, formam uma unidade. Segundo Daniel Szente Fonseca, diretor do Cursinho da Poli, o objetivo dos cursinhos populares não é ganhar dinheiro, mas ajudar os alunos de baixa renda a ingressar no ensino superior de qualidade. “Nós não temos mais nenhum objetivo grande além desse”, conclui.

Todos os componentes da liga têm parceria com o grupo ETAPA e recebem seu material de graça. No caso do cursinho da Poli, ainda são distribuídas listas extras de exercícios e simulados feitos pelos professores de lá. A intenção deles é que seus alunos consigam competir com os que fazem cursinhos comerciais.

Assim como no da FEA, são cobradas taxas dos alunos para manutenção do curso. A Escola Politécnica empresta as salas de aula, mas não arca com nenhum tipo de gasto que o cursinho possa ter. “As mesmas coisas que foram faladas para o cursinho da FEA, já foram faladas para todo projeto que usa o espaço da universidade. A diferença é que nunca ninguém tentou tirar a gente. Essa é a novidade”, conta Daniel. Para ele, dizer que o cursinho está “irregular” já está errado por si só, pois se foi autorizada a realização das atividades na faculdade, elas estão regulares. “Por exemplo, sábado agora teve Night Run na USP. Alguém autorizou o acontecimento dessa corrida. Não precisa ter algo mais formal do que alguém autorizar”, completa. Porém, o problema do espaço físico é algo recorrente nos cursinhos populares. Para Daniel, esse é a grande dificuldade de todos eles.

“Eu sempre falo pra Poli: ‘se a gente já consegue fazer tudo isso sem ajuda, imagina o que a gente poderia fazer com a ajuda de vocês’. Mas nós somos um projeto social e a USP está em crise. Quando se está em crise, as primeiras pessoas a sofrerem com isso são aquelas que não têm dinheiro. De qualquer forma, estamos aqui”, conta Daniel.

Por outro lado, na FGV (Fundação Getúlio Vargas), faculdade particular, o cursinho popular conta com o total apoio da instituição. Além de não ser cobrada nenhum tipo de taxa dos alunos, ainda são oferecidos vales transporte e refeição para que eles consigam frequentar o cursinho sem custo nenhum.

Diferente da USP, o cursinho da FGV conta com a ajuda de patrocínios. Estes bancam os vales fornecidos aos alunos e o material didático – que é do CPV. A FGV ainda cobre outros gastos, como salas de aula, que são privadas e, portanto, pagas; e a realização de possíveis eventos.

Segundo Lucas Martins Mesquita, diretor da área pedagógica da turma de Administração Pública do cursinho, a coordenação da FGV os auxilia em tudo que precisam. “Quando surgiu a ideia de abrir o cursinho, a coordenação de Administração Pública os apoiou muito. Ela que os instigava com o projeto, ela queria muito que acontecesse”, relata.

Porém, o cursinho também enfrenta resistência dentro da faculdade. No começo, somente os vestibulandos de Administração Pública tinham acesso a ele. Ao tentar expandir para o Direito e para a Administração de Empresas, a coordenação desta questionou se aqueles eram o tipo de aluno que queriam lá dentro, mas cedeu. Agora, ao tentar abranger também a Economia, a mesma discussão volta à tona.

O Jornal do Campus não conseguiu falar com o diretor da FEA até o fechamento desta edição.

Por: Lana Ohtani

<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2015/10/fea-ameaca-atividades-de-cursinho-popular/>

CONSUTADO DIA 08.03.2016

Ressaltamos que o cursinho da FEA, não realiza nenhuma luta política contra o racismo, pro cotas, ou alguma outra forma de inclusão racial à universidade, demonstrando que o preconceito presentes nas praticas cotidianas de parte da universidade não é apenas racial, mas também social. Portanto para sermos mais precisos o preconceito é sócio/racial.

É estratosférica a diferença mesmo entre os cursinhos populares na USP, vejam a reportagem abaixo, (apelamos para assistirem ao vídeo, no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=RWEMtHkjWlq>), e tirem cada um suas próprias conclusões.

PM invade Núcleo de Consciência Negra da USP e prende dois menores negro

Imagem 2 Abordagem policial no NCN



Poucas horas atrás a Polícia Militar do Estado de São Paulo invadiu o Núcleo de Consciência Negra da USP, de mãos armadas, revistando e ameaçando todos os presentes em uma sala de aula. Esta é mais uma mostra do desrespeito à autonomia universitária e mais uma prova do racismo desta instituição.

Dois menores de idade negros foram detidos acusados de praticar furtos. Desrespeitando o ECA foram detidos sem nenhum flagrante como pode-se ver no vídeo abaixo. Foram revistados com violência como pode ser visto no vídeo.

Rapidamente os dois adolescentes foram levados à fundação CASA (ex-FEBEM). Os dois menores, um de 15 anos e o outro de 17 anos são moradores da favela São Remo, vizinha da USP.

Após sua detenção o Núcleo de Consciência Negra, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) e Marcelo Pablito, diretor do SINTUSP foram à delegacia para exigir a liberdade dos menores.

Direto da delegacia Marcelo Pablito declarou ao Esquerda Diário: "esta prisão arbitrária de dois menores dentro da universidade, a revista armada de todas as pessoas que estavam dentro do Núcleo, a ameaça a todos presentes, e também a prisão dos jovens sem nenhum flagrante um dia depois da aprovação da redução da maioridade penal no Congresso mostra que a polícia se prepara desde já para usar o clima de insegurança da população e esta lei para reprimir toda a juventude, começando pelos negros e pobres". O diretor do sindicato também afirmou "amanhã junto a advogados seguiremos acompanhando este caso e exigindo a liberdade dos adolescentes".

<http://www.esquerdadiario.com.br/PM-invade-Nucleo-de-Consciencia-Negra-da-USP-e-prende-dois-menores-negros>

Outra forma de não abrir espaço para a população pobre na universidade, é manter vários cursos apenas em período integral, não abrindo turmas noturnas, impossibilitando assim o acesso que quem precisa, e não pode se dar ao luxo de abrir mão do trabalho, o qual garante a sua sobrevivência, para apenas estudar, considerando que os cursos em período integral geralmente são os mais concorridos no vestibular e mais valorizados pelo mercado, os quais pagam os maiores salários e benefícios.

2.2 Resistência e persistência

O NCN É a entidade que representa a possibilidade do sonho, do utópico, da possibilidade do preto e do pobre cursar uma universidade pública, gratuita, de qualidade, e de livre acesso, inclusive nos cursos mais concorridos.

O NCN tornou-se um espaço de resistência e resiste a quase três décadas, apesar das forças e opressões homogeneizantes de uma classe, a qual acredita só ela ter direito de usufruir da universidade, e se utiliza do vestibular como uma barreira, a impedir o acesso de pobres e pretos, ao espaço universitário da USP, sendo os filhos da elite treinados em escolas e cursinhos privados, proporcionando o preparo necessário para a superação desta etapa, enquanto os jovens pobres e pretos em sua maioria frequentam as péssimas escolas

públicas periféricas e desconhecem a possibilidade de cursar uma faculdade de excelência pública e gratuita.

A luta política, o cursinho pré-vestibular, a exigência de cotas e o combate ao extermínio de jovens pretos pobres e periféricos são exemplos cotidianos de resistência do NCN frente ao poder hegemônico.

O espaço físico e o entorno do NCN possui alguns simbolismo que apontam os conflitos existentes na vida cotidiana da universidade e passíveis de serem compreendidos sob o ponto de vista da produção e reprodução do espaço que mostra claramente como se realiza a luta de classes no interior do “espaço do saber”, na realidade da tentativa de uma classe se apoderar do saber e do poder, considerando ser um estruturante do outro. Portanto o NCN representa uma ação prática, a qual questiona a homogeneização de uma classe dentro da universidade, promovendo a inclusão, apesar de não na escala necessária, posto que o acesso de pretos e pobres, à universidade pública, é ainda residual

Esse fato requer a construção de uma política capaz de instigar a possibilidade de uma maior diversidade de classe e de cor na USP, para em seguida extrapolar, em todo ensino superior público e privado do país.

Esta diversidade de classe e de cor, no nosso entendimento e trabalhando no campo das hipóteses, poderia mudar em certa medida o rumo das pesquisas realizadas nesta instituição, considerando que provavelmente esta universidade com cor e classe mais diversa realizariam mais pesquisas voltadas aos problemas próximos à sua realidade vivida em seu cotidiano, diversificando um pouco o rumo das pesquisas na instituição, fato que ao nosso entendimento só faria bem a universidade e a sociedade, contribuindo assim com o avanço de pesquisas em temas que realmente importa, e fará diferença a maioria da população, em detrimento a algumas pesquisas que trazem mais do mesmo.

O espaço ocupado pelo NCN (aparentemente frágil, mas com um conteúdo poderoso), com suas pichações no entorno e grafites, presente na entrada da entidade e em seu interior, apresentam em suas formas as tatuagens encravadas nas entranhas de cada um de seus colaboradores, os quais realizam todas as atividades referente a instituição, (cursinho, idiomas e a luta política contra o racismo e a favor das cotas raciais na USP, de forma voluntária.

Imagem 3 Entrada do núcleo de consciência negra.



Fonte: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2015/06/dispersos-pelo-campus-institutos-nao-vinculados-a-usp-sao-parte-da-vida-academica/>

2.3 O que move essas pessoas

Identidade. Identificação entre os oprimidos e discriminados movidos pelo desejo em comum de acabar com as causas dessas opressões e discriminações, da conteúdo as lutas.

Estas vão revelando também as Necessidades básicas não atendidas que pontuam a luta cotidiana diária pela sobrevivência, além da arte e da cultura, onde a musica (principalmente o samba e o rap) se torna uma poderosa voz de exaltação da negritude, e uma potente critica sócio/racial.

No caso dos professores do NCN nem todos possuem identidade sócio/racial como a maioria das pessoas da gestão e dos colaboradores do NCN, a identidade neste caso se dá nas causas defendidas pela entidade e em sua proposta para mudança. Na construção da utopia por uma outra sociedade.

Todavia a identidade tem sido uma das molas propulsora para a realização das atividades contra o racismo, promovidas pelo NCN na universidade, (mesas de

debate sobre o racismo, em favor das cotas, saraus, passeatas, protestos e reivindicações que possibilitem o acesso e a permanência aos alunos negros a esta universidade).

Além da identidade a capacidade de resistência da entidade é de fundamental importância para a manutenção do espaço, enfatizamos que essa resistência se faz diante de uma enorme força opressora hegemônica e homogeneizante, embora esta luta se realize para a manutenção de um pequeno espaço desvalorizado e banalizado em uma escala micro, local, seus signos e símbolos pode representar uma ameaça global as praticas espaciais, das forças hegemônicas.

O NCN resiste a falta de apoio institucional, resiste as cotidianas ameaças de desapropriação de seu espaço, resiste as constantes interrupções no fornecimento de agua, resiste ao corte de sua linha telefônica fixa, geralmente ocorridas no período de matricula para o seu cursinho pré-vestibular, resiste mesmo com o acesso a internet negado pela universidade, resiste ao poder hegemônico, o qual procura desqualificar e deslegitimar a sua luta e utopia por uma universidade e uma sociedade mais igualitária. Enfim resiste a todas as praticas e estratégias que visam sua aniquilação e persiste em sua luta utópica contra as desigualdades sócio/raciais.

Pois esta resistência não se reduz a manutenção deste espaço e contra as praticas espaciais, é sim, sobretudo uma resistência política e social, a qual tem o poder de questionamento, de praticamente todas as politicas e praticas espaciais dominantes na universidade, com capacidade inclusive de questionamento destas praticas em toda sociedade, dai o porquê do NCN incomodar tanto, neste sentido Lefebvre aponta.

Deste modo a pratica espacial define simultaneamente os lugares, a relação do local ao global—uma representação destas relações—ações e signos—espaços cotidianamente banalizados e espaços privilegiados, afetados por símbolos (favoráveis ou desfavoráveis, benéficos ou maléficos autorizados ou definidos por um tal grupo). Não se trata de lugares psíquicos de “topoi” filosóficos, mas de lugares políticos e sociais. (Lefebvre, 2006, capítulo 4, pag. 40)

Em uma analogia a citação acima de Lefebvre, a pratica espacial da USP e do NCN, define simultaneamente o lugar, as ações, os signos e símbolos de cada entidade, compreendendo a USP como um espaço privilegiado e com uma representação global, e o NCN um espaço banalizado desfavorável aparentemente frágil, mas com um conteúdo político e social capaz de questionar as praticas sócio espaciais em escala global, se observarmos simultaneamente estes dois espaços veremos a expressão e a aparência da contradição.

Outro fator que move estas pessoas em busca de seus ideais é a utopia. O sonho de uma sociedade mais igualitária no sentido mais amplo da igualdade, em termos raciais, sociais e econômicos, e não apenas no discurso da

universidade, a qual promove e estimula uma pratica totalmente contraria a este discurso. O NCN semeia o sonho e a utopia da igualdade de oportunidades, para o acesso e permanência a todas as pessoas independente de classe ou cor da pele à USP, desta forma o NCN pode e deve ser compreendido como um espaço contraditório e da contradição, presente na universidade, e a logica dominante nesta.

2.4 USP e sua “forma de inclusão”

Neste trecho apresentaremos a forma de inclusão da universidade e seus argumentos, gostaríamos de salientar a enorme dificuldade, a qual nos foi imposta pela burocracia universitária, em se ter acesso a dados referentes a entrada, e maior ainda no que se refere a permanencia de alunos negros na universidade, assim também, como para entrevistar alguma autoridade universitária, quando revela-se que o tema da entrevista é o racismo.

De acordo com a pró-reitoria de graduação, a universidade mantém uma politica de inclusão social, a qual visa ampliar as probabilidades de acesso de estudantes egressos de escolas públicas, além de atuar na superação das barreiras educacionais, que posam dificultar este acesso, apoia as escolas públicas, seus professores e alunos, através de ações especializadas, incentiva a participação dos alunos egressos da escola pública no processo seletivo de ingresso na universidade (vestibular), através de medidas de divulgação e apoio didático- pedagógico, apoiando com ações especifica, a permanência destes alunos no curso superior.

“Mantem de forma sistemática uma politica de inclusão social, expressa por meio de praticas e ações coerentes, ao mesmo tempo em que reafirma seu compromisso de valorização da graduação, espaço prioritário para efetivação desta politica”.

O novo programa de inclusão da USP, UNICAMP e UNESP, o PIMESP (Programa de inclusão com mérito no ensino superior público paulista), o qual mantem a autonomia de cada universidade nos critérios de seleção de acordo com o perfil de cada universidade, é bastante complexo e encontra-se ainda em fase de implantação, por este motivo não o poderemos avaliá-lo, desta forma colocaremos em anexo a única informação oficial da universidade, a qual obtivemos acesso em nossa pesquisa, e que visa explicar este programa. Ver (ANEXO A, o que é o pimesp?)

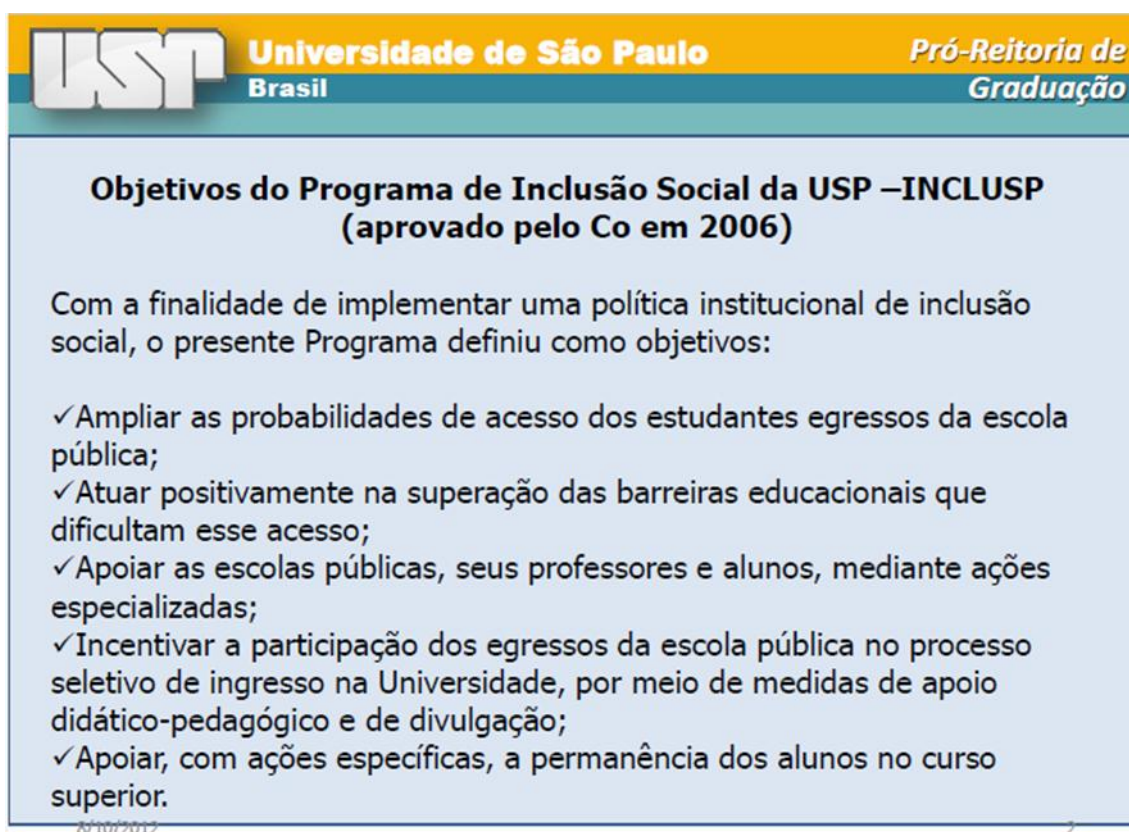
Colocaremos adiante os únicos dados oficiais da USP, no que diz respeito a inclusão, a qual, obtivemos acesso, trata-se da apresentação do Programa de Inclusão Social da USP: INCLUSP, realizada pela pró-reitora de graduação, Professora Dra. Telma Maria Tenório Zorn, ao Conselho Universitário, ocorrido

em 25 de Setembro de 2012, faremos a análise de alguns dados e gráficos, presentes nesta apresentação, estando a apresentação completa disponível no endereço eletrônico adiante: :

http://www.prg.usp.br/wp-content/uploads/2012inclusp_co.pdf

Este primeiro slide sobre o INCLUSP é autoexplicativo por este motivo não o analisaremos, colocamo-lo a seguir, apenas para explicitar os objetivos do programa, de acordo com as próprias palavras de seus idealizadores e promotores.

Slide 1 objetivos do programa de inclusão social da USP—INCLUSP.



USP Universidade de São Paulo
Brasil

Pró-Reitoria de Graduação

**Objetivos do Programa de Inclusão Social da USP –INCLUSP
(aprovado pelo Co em 2006)**

Com a finalidade de implementar uma política institucional de inclusão social, o presente Programa definiu como objetivos:

- ✓ Ampliar as probabilidades de acesso dos estudantes egressos da escola pública;
- ✓ Atuar positivamente na superação das barreiras educacionais que dificultam esse acesso;
- ✓ Apoiar as escolas públicas, seus professores e alunos, mediante ações especializadas;
- ✓ Incentivar a participação dos egressos da escola pública no processo seletivo de ingresso na Universidade, por meio de medidas de apoio didático-pedagógico e de divulgação;
- ✓ Apoiar, com ações específicas, a permanência dos alunos no curso superior.

8/10/2012 2

Fonte: http://www.prg.usp.br/wp-content/uploads/2012inclusp_co.pdf

2.5 análise dos dados do INCLUSP

Neste momento da pesquisa faremos uma análise objetiva do INCLUSP, para começar nossa análise gostaríamos de ressaltar, que tão ou até mais importante do que os dados e informações, os quais compõem qualquer gráfico, é saber quem os produziu? Quais objetivos? E para qual finalidade?

Iniciaremos as respostas para as questões citadas acima reafirmando, que os dados e gráficos foram produzidos pela pró-reitoria de graduação, para uma apresentação ao conselho universitário, com o objetivo de demonstrar a “evolução e o sucesso do programa”, sendo sua finalidade embasar o discurso de inclusão realizado por esta universidade.

De acordo com a premissa, que o problema é apenas social, praticado por esta universidade, premissa esta que é a base do mito da “democracia racial” afirmação típica de nossa elite conservadora, e confirmada pelas ações cotidianas desta universidade, (mesmo discurso ideológico do grupo de comunicações Globo, reafirmado em editorial do jornal o Globo de 1988, conforme citado anteriormente), a qual é uma das raras universidade pública brasileira a não adotar as cotas raciais, negando e se recusando debater o tema do racismo, seja na universidade, ou na sociedade, ficando evidente a intencionalidade da USP em manter o status quo.

Corroborando com a afirmação anterior relembramos que a universidade foi criada como um projeto de uma classe, a qual tem no cerne de sua fundação a busca da perpetuação desta classe no poder, e que visa alcançar este objetivo através do saber.

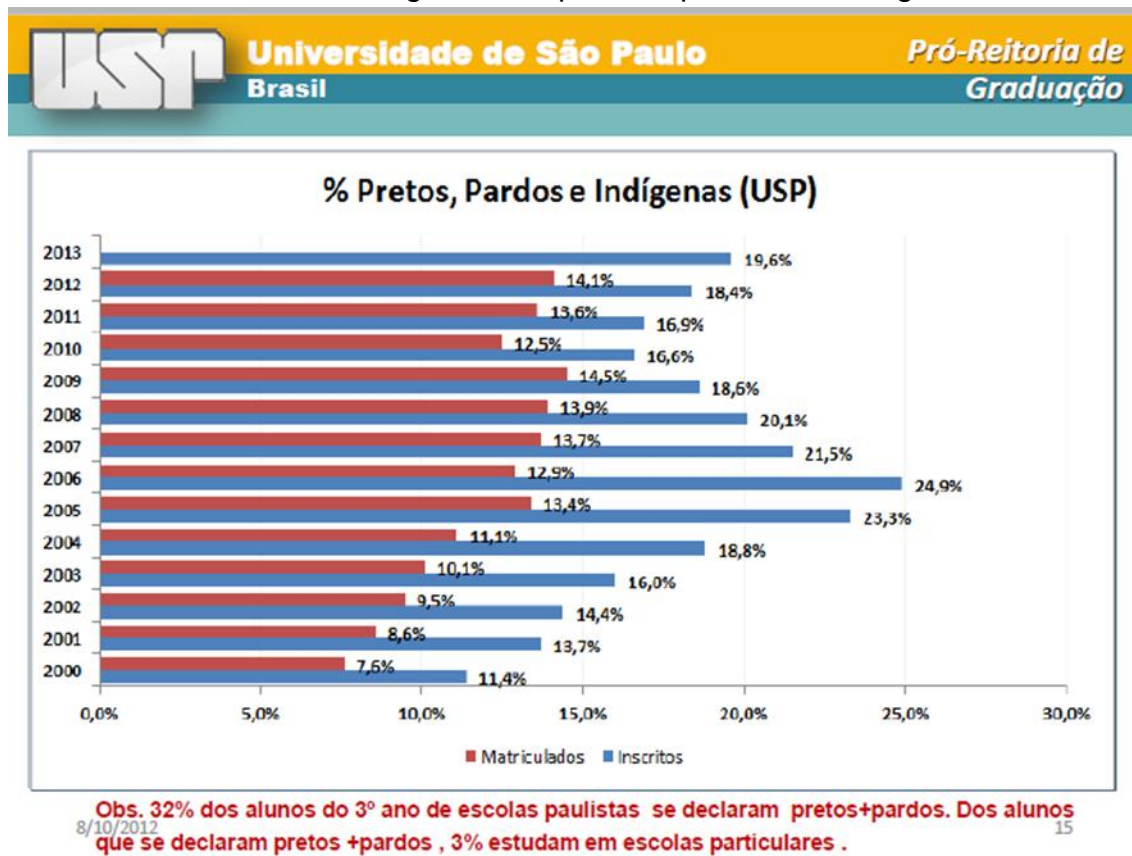
De acordo com a USP, a maior dificuldade de acesso para a maioria dos jovens estudantes é social e não racial, alias ela se nega a usar este termo, desta forma, ela adota a escola pública como critério, em seu programa de “inclusão”, sendo oferecido aos alunos oriundos desta um bônus sobre a sua nota no vestibular.

Curioso, intrigante e contraditório é constatar que na apresentação realizada pela pró-reitoria para apresentar o resultado do programa demonstrado em sua apresentação, aparece um único gráfico referente a escola pública, o qual, consta no final em sua legenda, a seguinte frase; Obs.: Alunos de Escola Pública inclui todo contingente oriundo de EP (escola pública),(no final de nossa análise discutiremos este critério).

Apesar de todo o esforço da pró-reitoria em provar o sucesso do programa nota-se que, os objetivos e as finalidades iniciais dos gráficos não obtiveram êxito, ao contrario, demonstram a não existência efetiva de uma politica de inclusão social, a qual permita realmente um aumento do acesso, e a possibilidade de permanencia, das classes pobres à universidade, os gráficos não permitem inferir inclusão, nem social, muito menos racial, e demonstram exatamente o que negam, o racismo estrutural, institucional, histórico e intencional, mesmo considerando os dados frios dos estatísticos positivista, (com toda sua intencionalidade e método) acabam por comprovar o oposto do objetivo para qual foram criado.

Na realidade compravam a desigualdade sócio/racial imperante nesta universidade desde a sua fundação.

Gráfico 1 Porcentagens de pretos, pardos e indígenas na USP.



Fonte: http://www.prg.usp.br/wp-content/uploads/2012includsp_co.pdf

A legenda do gráfico informa que 32% dos alunos do 3º ano do ensino médio, das escolas paulista se declararam pretos ou pardos, mas, o número de pretos, pardos e indígenas inscritos no vestibular de 2012 é de apenas 18,4%(repare que no gráfico diferentemente da legenda, onde se inclui os indígenas; manipulação dos dados, com o intuito de se maquiar os fatos).

Entretanto, este número é bem inferior quando comparado com o número de inscritos deste grupo nos anos de 2005 e 2006, sendo que o número de inscritos respectivamente nestes anos é de 23,3 e 24,9, ou seja, houve um inequívoco e alarmante retrocesso no percentual de inscrição de negros e pardos, reiterando que o INCLUSP, criado em 2006, passou a vigorar à partir do vestibular de 2007, a partir daí constata-se uma queda vertiginosa, no número de pretos e pardos inscritos na FUVEST.

Com relação ao número de matriculados na USP, ao grupo de preto pardos e indígenas, constatamos a total estagnação deste índice no período 2005 à 2012, oscilando menos de um 1% neste período, exceto 2010, quando este número oscilou 2% sendo esta oscilação negativa.

Não produzimos nenhum gráfico, até por uma questão de imparcialidade, desta forma, para que se tenha algum contraponto, também através da linguagem gráfica, e com o intuito de iluminar as contradições anexamos estes dois gráficos que se seguem, produzidos pelo IBGE.

Gráfico 2 Distribuição percentual da população por cor ou raça—1999/2000

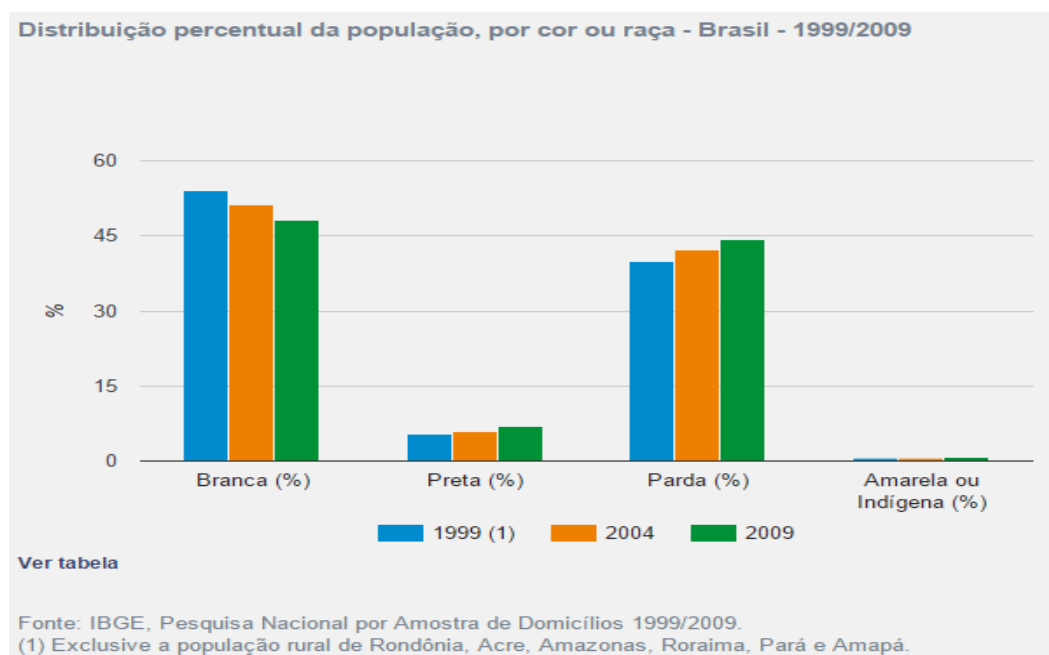
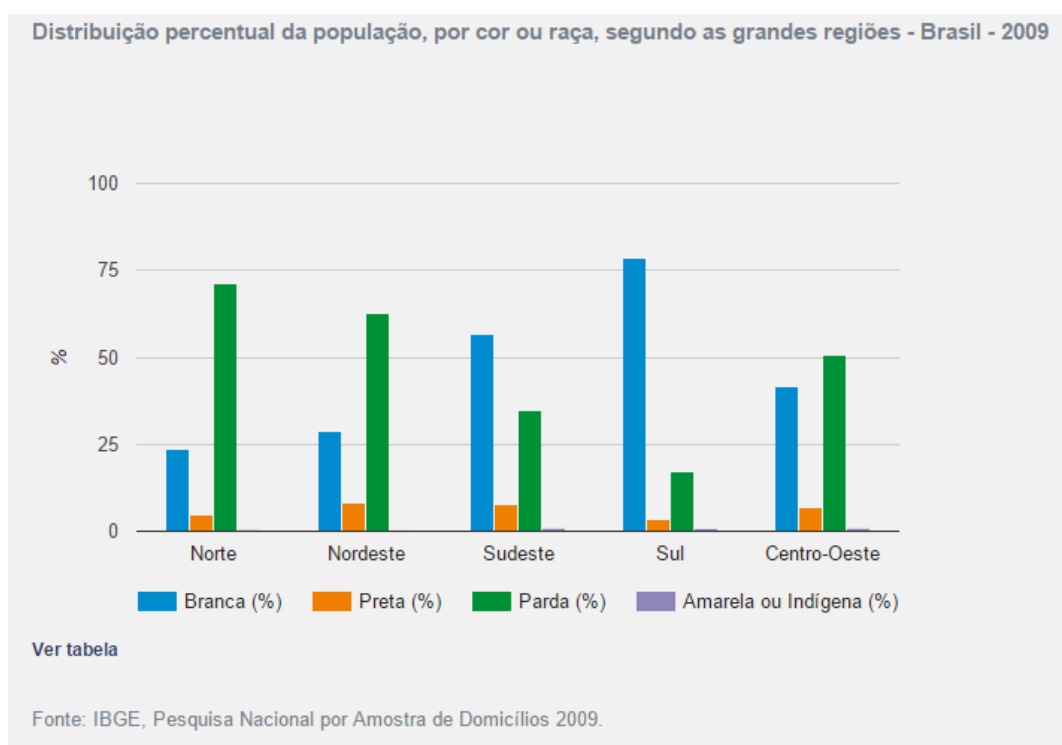


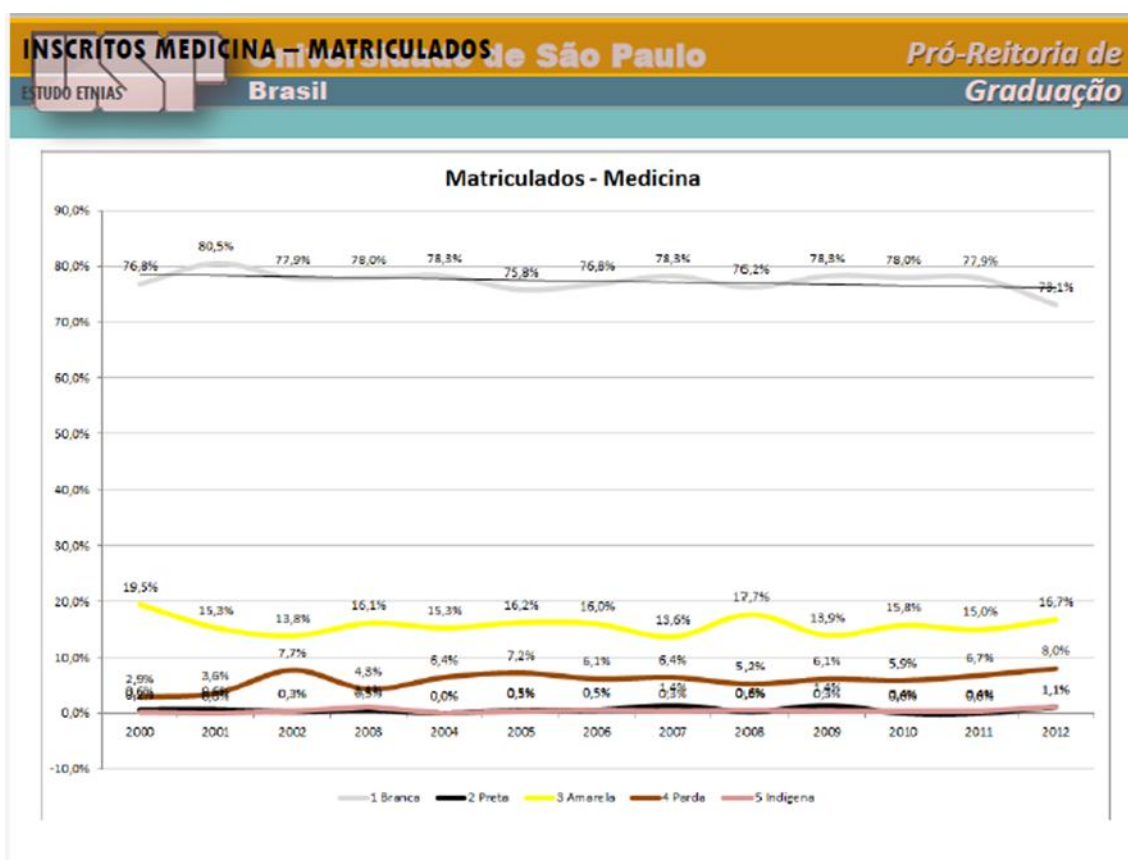
Gráfico 3 Distribuição percentual da população, por cor ou raça, segundo as grandes regiões—Brasil 2009.



Nos outros dois gráficos que se seguem, o que nos saltam aos olhos de forma gritante, é que dos matriculados em medicina, e matriculados poli, “Zoom nas etnias não brancas”, no primeiro gráfico, é que a imensa maioria dos matriculados são brancos o que não é nenhuma novidade. Todavia o que choca, é constatar que o número de amarelos matriculados no curso é quase o dobro, do que a soma dos pretos e pardos, ainda mais quando observamos que a população negra é praticamente 50 vezes maior que a população amarela, em nosso país.

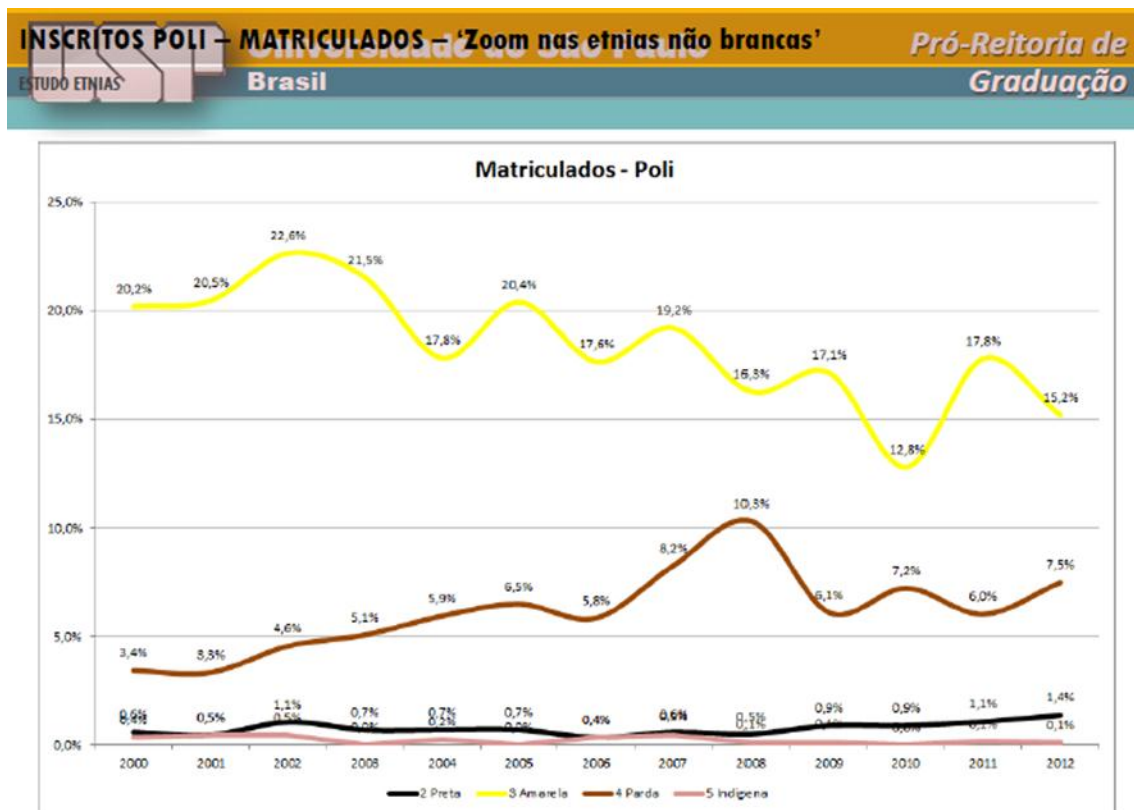
A partir destas deduções só podemos compreender estes dados obtidos de uma realidade concreta, como sendo algo surreal, uma anomalia injustificável, sob qualquer justificativa ou argumentação.

Gráfico 4 Matriculados medicina USP.



Fonte: http://www.prg.usp.br/wp-content/uploads/2012inclusp_co.pdf

Gráfico 5 Matriculados poli—Zoom nas etnias não brancas.



Fonte: http://www.prg.usp.br/wp-content/uploads/2012includp_co.pdf

O segundo gráfico quando analisado, as constatações são semelhantes ao primeiro, sendo que, o que chama atenção neste gráfico especificamente e em alguns outros, é o enfoque dado no título a “etnias não brancas”, interpretamos que “etnias não brancas”, significam o mesmo que raça não branca é contraditório, além de intrigante, esta apresentação da pró-reitoria, ao produzir gráficos com recorte racial, (embora dissimuladas através da linguagem, pelo termo etnias não brancas), quando a universidade e a pró-reitoria negam a existência do racismo, e afirmam que se existem desigualdades elas são sociais e não raciais.

O que nos leva a questão: qual a intenção destes gráficos? Seria demonstrar ao conselho universitário, os “avanços” do programa de inclusão da universidade?

Mas a nosso ver, Não é possível através destes gráficos. Não ha nenhum sucesso na politica de inclusão, posto que observarmos que o número de alunos negros matriculados na universidade, estão estagnados Ha sete anos, enquanto o número de negros inscritos no vestibular, caiu, fato este comprovado pelos próprios dados da apresentação.

Diante de tudo que foi exposto até o momento em nossa pesquisa, não enxergamos nenhuma argumentação plausível para a USP e todas as universidades públicas paulistas, não terem ainda adotado o sistema de cotas raciais, sendo que a única argumentação, e resistência para a implementação das cotas, está baseada no mito da “democracia racial”, devidamente refutada teoricamente desde as pesquisas pioneiras de Florestan Fernandes, sobre o tema do negro no Brasil.

Enfatizamos ainda o fato de até o conservador STF (Supremo Tribunal federal) ter decidido por unanimidade a constitucionalidade das cotas raciais em nosso país. O argumento de que a presença de cotistas baixaria o nível da universidade, também já caiu por terra, com a realização de pesquisas, as quais demonstram que o desempenho dos cotistas, embora inferior nos exames vestibulares (para que e para quem serve os exames vestibulares?), é semelhante e em muitos casos até ligeiramente superior em comparação com os não cotistas nos cursos de graduação, fato este comprovado principalmente por pesquisadores da UERJ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO).

Para finalizar a nossa análise do INCLUSP, e a apresentação da pró-reitoria, gostaríamos de questionar o critério adotado pela USP, (escola pública), o qual oferece um bônus aos alunos egressos destas escolas, em detrimento as cotas raciais, o problema fundamental desta opção se dá pelo fato de a divulgação do INCLUSP e do PASUSP, (aplicado a alunos do 2º e 3º do ensino médio inscrito no programa) ocorre de maneira seletiva, preferencialmente nas escolas técnicas, considerando que os alunos desta escola já passaram por uma seleção, um filtro.

Por entender que um programa de inclusão social, deva ter o maior alcance possível, e não atinja apenas uma pequena parcela, já com algum privilégio, este programa não atinge nem chega à maioria das escolas públicas estaduais, ou municipais, seja na região metropolitana, seja no interior do estado, local aonde os alunos jamais ouviram falar deste programa, melhor nem sabem direito o que é a USP.

No gráfico a seguir constata-se que das 24 escolas paulistas com maior número de alunos inscritos no PASUSP, aponta que 13 são escolas técnicas, sendo que a primeira, a segunda e também a quinta são escolas técnicas municipal de Barueri.

Slide: dados, 2 Escolas com maior número de alunos inscritos no INCLUSP—PASUSP.

<div>  <div> Universidade de São Paulo Brasil </div> <div> Pró-Reitoria de Graduação </div> </div>		
2012 - ESCOLAS COM MAIS ALUNOS CADASTRADOS		
Código	Nome	Quantidade
9999995	<u>Escolas de outros estados</u>	622
324482	<u>MUNICIPIO JOSE PROFESSOR INSTITUTO TECNICO DE BARUERI/BAUER</u>	304
417885	<u>MARIA SYLVIA CHALUPPE MELLO PROFA ITB/BAUER</u>	289
45962	<u>POLIVALENTE DE AMERICANA ETE/AMERICANA</u>	191
24188	<u>TOMAS ALBERTO WHATTELY DOUTOR/BEREAQ PRETO</u>	187
323724	<u>BRASÍLO FLORES DE AZEVEDO INSTITUTO TECNICO DE BARUERI/BAUER</u>	154
24119	<u>OTONIEL MOTA/BEREAQ PRETO</u>	152
3682	<u>FERNAO DIAS PAES/SAO PAULO</u>	139
910892	<u>ADAIL NUNES DA SILVA DR ETE/TAQUARITINGA</u>	139
45988	<u>VASCO ANTONIO VENCIGARUTTI ETE/JUNDIAI</u>	138
22810	<u>JULIO CARDOSO DR ETE/FRANCA</u>	127
3694	<u>GUARACY SILVEIRA ETE/SAO PAULO</u>	124
2513	<u>NOSSA SENHORA DA PENHA/SAO PAULO</u>	124
5162	<u>ALBERTO CONTE PROFESSOR/SAO PAULO</u>	123
51147	<u>ALCINA DANTAS FEIJAO PROFA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO/SAO CARLOS DO SUL</u>	120
915749	<u>JOSE MARCATO/ADEMA</u>	116
18326	<u>CULTO A CENCIA/CAMPINAS</u>	115
24824	<u>ALCIDIO DE SOUZA PRADO PROF ETE/OBOLANDIA</u>	115
24740	<u>OSWALDO RIBEIRO JUNQUEIRA/OBOLANDIA</u>	113
8809	<u>PRESIDENTE VARGAS ETE/JOGLAS CRUZES</u>	111
48012	<u>LAURO GOMES ETE/SAO BERNARDO DO CAMPO</u>	111
918659	<u>ASA BRANCA DA SERRA/ITAPECERICA DA SERRA</u>	111
5388	<u>JOSE VEIRA DE MORAES PROF/SAO PAULO</u>	111
290695	<u>RODRIGUES DE ABREU ETE/BAURU</u>	108
21131	<u>FERNANDO FEBELIANO DA COSTA CEL ETE/PIRACABA</u>	108

Do que foi analisado podemos levantar uma hipótese: Seria o INCLUSP um instrumento utilizado pelas forças hegemônicas visando homogeneizar, o espaço da universidade, com o objetivo de evitar um possível aumento da diversidade sócio/racial, utilizando como estratégia negar o (inegável)? Seria fruto da invisibilidade do negro na sociedade brasileira? Seria uma resistência do racismo e suas implicações, com o intuito de se tirar o foco do debate sobre o racismo, e da dívida histórica, para com a população negra e ao mesmo tempo servir como discurso, de que se esta promovendo a “inclusão social”

Capítulo 3

Em direção a teoria

A base para a fundamentação teórica de nossa pesquisa, a qual objetiva revelar e iluminar as contradições, das praticas espaciais dentro do campus da USP, será a produção do espaço e a vida cotidiana no mundo moderno, para à partir destas dialogar com os autores, que consideramos fundamentais para iluminar as contradições do/no espaço presentes na universidade, e também a tentativa revelar a essência oculta por trás da aparência, tanto no espaço como também, nas relações sociais cotidianas no espaço universitário, as quais procuram encobrir e negar o racismo institucional na universidade.

3.1 Dialogo com a teoria

Um dos conflitos profundos imanente ao espaço “vivido” impede a expressão dos conflitos. Para dizê-lo, é preciso percebê-lo, sem cair nas representações do espaço, tal como ele é geralmente concebido. Uma teoria necessária, que supere tanto o espaço de representação como a representação do espaço, formulando as contradições entre (e primeiro entre dois aspectos da representação). As contradições sócio-políticas se realizam espacialmente. Por conseguinte, as contradições do espaço tornam efetivas as condições das relações sociais. Dito de outra maneira, as contradições do espaço “exprimem” os conflitos de interesses e das forças sócio-políticas; Mas esses conflitos têm o efeito e lugar apenas no espaço, tornando-se contradições do espaço. (Lefebvre, 2006, capítulo 6, pag.,8).

Considerando a produção do espaço, e a vida cotidiana no mundo moderno, a base teórica de nossa pesquisa, buscaremos através destas fundamentar nossa pesquisa, compreendendo que, a produção do espaço, e as relações cotidianas, tem a capacidade de iluminar e desvendar, as contradições imanentes presentes na (re)produção do espaço na USP, campus Butantã.

No momento atual, no qual o capital financeiro se sobrepôs ao capital industrial, ocorre a hegemonia do capital financeiro sobre o mercado imobiliário e a transformação do espaço em mercadoria, (mas não qualquer mercadoria, uma mercadoria específica, fruto de uma produção específica), este espaço concebido no plano das ideias, e realizado através de ações pratica, de acordo com Lefebvre, pode ser considerado abstrações concretas, significa conhecer a forma do espaço e revela-la.

Nesta direção o espaço é capaz de revelar o interdito (o que não è dito), dissimulado, encoberto e muitas vezes negado, apenas nos discursos e nas estatísticas (depois de torturar os dados), mas realizados na pratica cotidianamente, resolvemos nos debruçar sobre nossa base teórica, com a

convicção no poder destas teorias em revelar as contradições das praticas espaciais do local.

Custa-nos muito caro teorizar a produção do espaço em nosso objeto de pesquisa, pois esta teoria foi concebida levando-se em consideração a propriedade privada da terra, e o nosso objeto de pesquisa e analise o campus da USP Butantã, trata-se de um “espaço público”, mas, inserido na logica econômica capitalista privada, tal tópico se percebe no acesso diferenciado da população à USP, no que diz respeito aos aspectos sócio/raciais, constatando o fato de que, a maioria dos alunos, e a imensa maioria dos professores são brancos e oriundos de uma classe social privilegiada, agora com relação aos funcionários, principalmente os das empresas terceirizadas, são pretos, pardos e pobres, pertencentes a base da pirâmide social.

3.2 A geografia e a produção do espaço:

A produção do espaço como categoria de analise ampliou muito a capacidade e a precisão da geografia em interpretar os acontecimentos e a realidade do mundo atual, onde a geografia não se limita mais a localizar o fenômeno no espaço, mas sim, interpreta-lo apontando as contradições, descortinando e iluminando o que esta sob o véu da ideologia capitalista.

Neste sentido, acreditamos responder a primeira questão que (Carlos, A, F, A.) em seu texto Metageografia: Ato de conhecer a partir da geografia, no qual a autora pergunta? Desvendar o mundo a partir do espaço, isto é a partir da espacialidade das relações sociais, seria a tarefa de destino da geografia?

Acreditando ser possível a compreensão do mundo através da geografia, esmiuçando e destrinchando os conteúdos da (re)produção do espaço, por trás das formas espaciais, materializada no espaço as quais estamos convencidos, após a analise espacial, não foram construídas (produzidas), sem um objetivo, uma finalidade.

Salientamos que o termo produção não se reduz a fabricação de produtos, designa parte de criação de obras, incluindo o tempo e o espaço social; Produção espiritual; Produção de materiais; produção do ser humano por si mesmo. Isto implica a produção das relações sociais, em toda a sua amplitude. (Lefebvre, 1991).

Este nosso projeto de pesquisa germinado na indignação, mas também na utopia de um mundo igualitário, é uma tentativa de uma critica radical, as politicas e as praticas espaciais, e casa-se perfeitamente com a afirmação de Lefebvre.

A via aqui indicada se liga, portanto, a uma hipótese estratégica, isto é a um projeto teórico e prático a longo prazo. Projeto político? Sim e não. Ele envolve uma política do espaço, mas vai mais longe que a política e supõe uma análise crítica de toda política espacial e de toda política geral. Indicando a via para produzir um outro espaço, o de uma vida (social) outra, e de um outro modo de produção, o projeto transpõe o intervalo entre ciência e utopia, entre a realidade e idealidade, entre o concebido e o vivido. Ele tende a superar sua oposição explorando a relação dialética: “possível-impossível”, objetiva e subjetiva. (Lefebvre, 2006, cap. 1, pag.49)

Entendendo o espaço como sendo uma condição necessária a realização da vida, viver em sociedade coloca o espaço como, condição, meio e produto das relações sociais (Carlos, 2008), pois o homem ao produzir seu espaço produz a si mesmo e a sua consciência, este espaço contém e dissimula as relações e interesses por trás de sua produção, aonde a propriedade privada da terra, fundamento da produção capitalista marca da transformação do espaço em mercadoria, fundamento da lógica e da sociedade capitalista.

Na atualidade, momento no qual o capital financeiro coordena o mercado imobiliário com a transformação do espaço em mercadoria, concebido no plano das ideias, e realizado através de ações práticas, invade a vida, determinando-a..essa lógica invade as várias escalas espaciais e nos permite pensar no espaço da Cidade Universitária- campus USP da capital.

Trata-se efetivamente de “espaço público”, este inserido na lógica econômica capitalista, percebida no acesso diferenciado da população à USP- uma diferença que se refere tanto às diferenciações de classe social quanto de cor. No que diz respeito aos aspectos sócio/raciais, constatando o fato de que, a maioria dos alunos, e a imensa maioria dos professores são brancos e oriundos de uma classe social privilegiada. Mas o mesmo não se constata no quadro de funcionários, principalmente os das empresas terceirizadas, que são em sua maioria pretos, pardos e pobres, pertencentes à base da pirâmide social.

Considerando a produção do espaço, e a vida cotidiana no mundo moderno, a base teórica de nossa pesquisa, buscaremos, compreender como a produção do espaço, e as relações cotidianas, tem a capacidade de iluminar e desvendar, as contradições imanentes e intrínsecas presentes na (re)produção do espaço na USP, campus Butantã.

3.3 Simultaneidade

Uma das maiores dificuldades que nos foi imposta, no momento de redigir nosso trabalho de pesquisa, foi o de demonstrar que os processos presentes em nossa pesquisa, assim como nas relações sociais na sociedade em geral, não são criados nem ocorrem e são percorridas de forma linear, mas sim, de

forma simultânea e dinâmica, criando a forma social do espaço definida assim por Lefebvre:

A forma do espaço é o encontro, a reunião a simultaneidade. O que reúne? O que é reunido? Tudo o que há no espaço, tudo que é produzido, seja pela natureza, seja pela sociedade- seja por cooperação, seja por seus conflitos. Tudo: seres vivos, coisas, objetos obras, signos e símbolos. (Lefebvre, 2006, cap.2, pag.21)

Para este autor o espaço social é obra e produto: realização do ser social; Simultaneamente, a reprodução dos meios de produção, e da reprodução ampliada, ocorre a reprodução das relações de produção, categoria a qual, Lefebvre atribui a Marx. As relações sociais tem uma existência real porque tem uma existência espacial e se projetarem em um lugar, inscrevendo-se nele, produzindo-o.

A semiologia trás a ideia de que se pode ler o espaço Lefebvre dialetiza essa ideia:

Leitura do espaço? Sim e não. Sim: o “leitor” decifra, decodifica. O “locutor”, que se exprime, traduz seus percursos em discursos. E contudo não. O espaço social não é jamais uma página branca sobre a qual se (mas quem?) teria escrito sua mensagem. O espaço natural e o espaço urbano são sobrecarregados. Tudo aí é rascunho e rascunhado. De signos? Sobretudo de consignas, de prescrições múltiplas, interferentes. Se existe texto, traço, escrita, é num contexto de convenções, de intenções de ordem, no sentido da desordem e da ordem social. O espaço é significante? Certamente. De que? Do que é necessário fazer ou não fazer. O que remete ao poder. Mas a mensagem do poder é sempre confusa, voluntariamente. Ela dissimula. O espaço não diz tudo. Ele diz sobretudo o interdito (o inter-dito). Seu modo de existência, sua “realidade” prática (incluindo sua forma) difere radicalmente da realidade (do ser-lá) de um objeto escrito, de um livro. Resultado e razão, produto e produzido, e também um interesse (apostas), um lugar de projetos e de ações colocadas em jogo por essas ações (estratégias), objeto, portanto, de apostas sobre o tempo futuro, apostas que se dizem, mas jamais completamente. (Lefebvre, 2006, cap. 2, pag. 46)

Ao analisarmos o espaço da cidade universitária encontramos contradições imensas, vamos apontar agora uma das contradições encontrada neste espaço, reproduzindo um dos questionamentos realizado pelo NCN: Porquê não existe na universidade um espaço institucional para o negro, nem para sua cultura, apesar do fato de esta parcela da população representar metade da população brasileira. Entretanto há na universidade a casa de cultura japonesa, qual o critério adotado para tal opção institucional? Quais os signos, simbolismos e mensagem, estão implícitos nesta opção?

Imagem 4 casa de cultura japonesa



Fonte foto: <http://comunicacao.fflch.usp.br/node/3578/1892>

O que representa e quais significados, símbolos e intenções está por trás da ausência do negro na academia? Seja como aluno, professor, seja sua cultura, suas questões, sejam trabalhos acadêmicos sobre o tema do negro etc. Seria invisibilidade? Conveniência? Ou estratégia de classe com viés racial?

Os dois únicos espaços, que representam o negro e sua cultura, dentro da USP, campus Butantã, são o NCN e o Núcleo de Artes Afro, salientando que estes dois espaços são frutos de ocupações e resistências, estes espaços possuem, visibilidade e uma importância muito maior como espaço de representação, do que como representação do espaço.

Quando observamos o mapa da cidade universitária, constatamos que estes dois espaços não passam de dois mínimos pontos no mesmo, mas como espaço de representação seu alcance é imensamente maior, pois seus signos, símbolos, força política, e sua capacidade de interrogar o espaço, e de questionamento das práticas espaciais, extrapolam o espaço da universidade, compreendendo todo o espaço social.

Mapa 1 Localização das ocupações do movimento negro na USP Campus Butantã

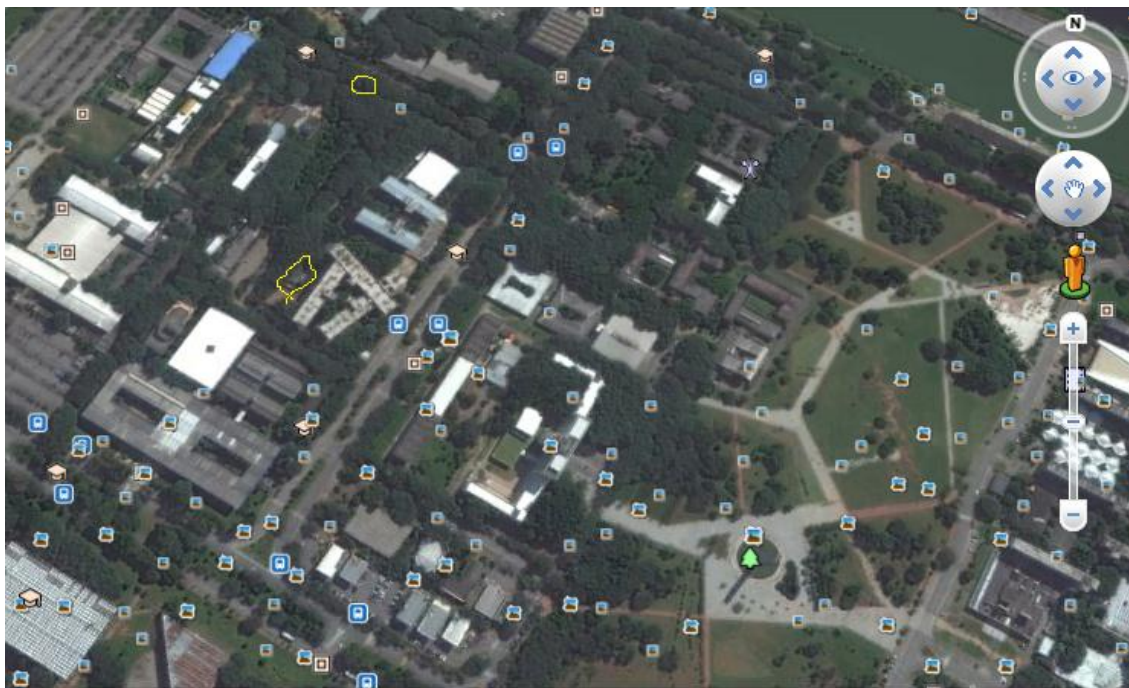


Imagem Google Earth

■ Espaço das ocupações do movimento negro (USP).

Uma reconsideração metódica do “saber”, no lugar de o fixar em uma epistemologia e de instalar um pretendido saber absoluto, simulacro do saber divino, pode somente salvar o conhecimento. Por qual caminho? Unindo o saber crítico e a crítica do saber. Dando ênfase ao momento crítico do conhecimento. Denunciando com força as colusões entre “saber” e “poder”, os empregos burocráticos do saber especializado. Quando o saber institucional (da universidade) se erige sob o vivido, como o Estado sob o cotidiano, uma catástrofe se aproxima. Já é a catástrofe. (Lefebvre, 2006, cap. 7, nº 40)

Capítulo 4

Dialogo com a pratica cotidiana

Optamos por estudar na Cidade Universitária - campus da USP, Butantã, as áreas ocupadas pelo NCN e o núcleo de Artes Afro. A ideia de se estudar as contradições inerentes as duas ocupações do movimento negro, dentro do espaço universitário e a práxis cotidiana de cada ocupação considerou as diferenças de enfoque na abordagem de suas pautas, o NCN com um enfoque político educacional e o núcleo de Artes Afro, o qual dá ênfase a cultura e a arte negra.

Pois, sendo o espaço produto das relações sociais, ele será resultante das complementariedades e conflitos sociais convergências e divergências contidos na sociedade. No caso das ocupações do movimento negro, na USP, elas não produziram (no sentido de construir a edificação) estes espaços, e sim o ocuparam e deram um novo conteúdo a esses espaços ressignificando-os.

Estes espaços e essa nova significação pode ser compreendida como o que escapa ao processo homogeneizante, o qual ao se produzir, produz também o seu negativo. Bensaid em sua proposta para os teoremas de resistência para o tempo presente ressalta a importância e a necessidade do momento do negativo, apontando que somente a luta de classes pode produzir diferenças espaciais irreduzíveis a lógica econômica única.

Entendendo a universidade como um “espaço público”, contraditoriamente, concebido pela oligarquia paulista, a qual era orientada pela lógica da propriedade privada, germe do capitalismo, ligado a uma classe social desde a sua fundação, e localizada no estado e na capital mais dinâmica do capitalismo brasileiro, é natural que esta produza conhecimentos que visem a perpetuação desta classe no universo do saber, mas contraditoriamente produziu também nas ciências sociais e humanas conhecimentos e teorias contrárias a esta perpetuação e homogeneização de uma única classe no espaço de produção de conhecimentos.

Na prática cotidiana do espaço universitário, é corriqueiro conflitos e contradições, contra e a favor as forças hegemônicas, a diferenciação fundamental entre, esses dois lados é que as forças hegemônicas agem sempre em conjunto almejando a homogeneização, enquanto as forças contrárias atuam geralmente de forma fragmentada, movimento estudantil, movimento negro, feminismo, LGBT, movimento sindical entre outros, sendo esta fragmentação favorável as forças hegemônicas.

As relações sociais indicam na existência de um racismo e o machismo naturalizados momento em que ninguém se reconhece ou se identifica como

sendo racista ou machista, mas ambas atitudes estão presentes em nossa sociedade, e em nosso cotidiano marcando e ferindo profundamente, (as vezes mais do que o ferro em brasa p/ marcar o gado), à alma e a auto estima de suas vítimas: uma enorme parcela da sociedade brasileira.

Gostaríamos de demonstrar a partir de agora, a realidade cotidiana dessas duas ocupações do movimento negro, sob o ponto de vista da pratica e da realidade cotidianas destes espaços, destacamos que a ênfase maior ao NCN em relação ao Núcleo de Artes Afro se da por dois motivos, primeiro: para a finalidade de nossa pesquisa, a ênfase política e educacional do NCN iluminam e questionam, de forma mais clara e contundente as contradições do espaço, pois reivindica espaço para o negro na universidade, não como funcionário terceirizado, mais sim como aluno e professor desta instituição; o segundo motivo é uma consequência do primeiro, pois por questionar mais as desigualdades raciais na universidade o Núcleo de Consciência Negra na USP, sobrevive sob constantes ameaças de desocupação, desde o inicio desta ocupação, todos os anos o NCN luta para manter o seu espaço e não ser desapropriado.

A reitoria só não desapropriou ainda o NCN porque encontrou uma forte resistência por parte dos membros, colaboradores e simpatizantes da entidade e sabe da enorme repercussão negativa para a universidade que causaria uma reintegração de posse, dentro da universidade, até porque o NCN ocupa o espaço há mais de 20 anos e promove o sonho do jovem pobre e negro cursar uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

A estratégia da universidade para inviabilizar as atividades do NCN durante muitos anos, sem arcar com as repercussões de uma desapropriação dentro da USP foi vencer os membros do NCN pelo cansaço, mantendo constate ameaça de desapropriação do seu lugar no campus, suspendendo o fornecimento de agua por vários dias sem nenhum aviso prévio, cortando a linha telefônica da entidade por longos períodos (há casos de corte que duram períodos de um a dois meses), quase todos os anos no período de matrículas para o curso pré-vestibular, negando também o acesso a internet, entre outras ações cotidianas para desestimular e desmotivar os membros da entidade a realizarem suas atividades cotidianas.

Mas não é tudo, veja a seguir reportagem do jornal do campus da edição 398, do dia 22 agosto de 2012.

. Alunos do Núcleo de Consciência Negra foram prejudicados por assalto em julho

por Isabella Bono

No penúltimo fim de semana de julho, o Núcleo de Consciência Negra (NCN) foi assaltado. O crime aconteceu após a demolição do espaço ocupado pelo Centro Acadêmico Visconde de Cairu (CAVC), nos barracões atrás da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA). Após a saída do CAVC, a sede do NCN ficou vulnerável.

O prejuízo ainda não foi totalmente calculado, mas o NCN estima um valor em torno de R\$ 3 mil reais, a maior parte levada em equipamentos. “O problema é que todo o material era usado durante as aulas, então elas foram extremamente prejudicadas”, ressalta Gilberto Américo, coordenador do núcleo. A entidade, que possui cerca de 170 alunos em os cursos de idiomas e o cursinho pré-vestibular, está pedindo doações para conseguir novos equipamentos, e arrecadar dinheiro para comprar um projetor, mas para o coordenador: “O prejuízo mais grave é que tivemos que construir uma parede para tapar o buraco.”

Imagem 5 Galpão aonde se localiza o Núcleo de consciência negra.



(Estrutura danificada vulnerável (foto: Luisa Granato)

A área dos barracões, onde se localiza o Núcleo de Consciência Negra, está sendo remodelado, o espaço será destinado ao Centro de Difusão Internacional e a nova sede da Escola de Comunicações e Artes (ECA). Ainda não existe uma definição, por parte da reitoria, sobre um local para onde a sede da entidade será transferida, pois, primeiramente, seria necessário que se

firmasse um convênio entre o Núcleo de consciência negra e a UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

Fonte: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2012/08/alunos-do-nucleo-de-consciencia-negra-foram-prejudicados-por-assalto-em-julho/>

De acordo com a declaração de vários coordenadores, colaboradores e professores do NCN, os ataques da reitoria com o intuito de inviabilizar as atividades do NCN vêm de longa data, e se dão de varias formas, algumas já citadas acima, no caso da demolição do centro acadêmico da FEA, o problema foi que a demolição ocorreu durante as férias sem nenhum aviso ao NCN como as duas entidades dividiam o mesmo barracão a derrubada do CA da FEA deixou um grande buraco na parede permitindo a entrada de qualquer pessoa na entidade por alguns dias, com a parede aberta ficou muito fácil furtar o projetor, o computador e outros pertences do NCN.

O núcleo de artes afro-brasileiras localizado na avenida professor Lucio Martins Rodrigues Travessa 5 bloco 28 cidade universitária, trata-se também de uma ocupação, mas ganhou reconhecimento pela Pro-reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU), apesar de estar presente na universidade a menos tempo que o NCN. A diferença fundamental entre os dois movimentos negros é que ao contrario do NCN o Núcleo de Arte Afro não promove o debate político sobre as questões do negros na universidade, seu enfoque como o próprio nome diz é na arte e na cultura negra, por este motivo não ameaça, nem incomoda tanto o poder hegemônico da universidade, pois sua missão não é questionar as ações políticas administrativas da USP, e sim promover e resgatar a arte e a cultura negra, através da capoeira, aulas de percussão e dança afro.

Fundado em 1996 pelo Grupo de Capoeira Guerreiros da Senzala, o núcleo iniciou suas atividades no Instituto Butantã, e logo os alunos da USP se tornaram assíduos frequentadores das aulas. Em 1997, os alunos do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP conseguiram dispor de um local no Instituto de Química (IQ) da USP e os trabalhos do núcleo foram transferidos para lá. Após algum tempo o grupo perdeu o espaço no IQ e as aulas, bem como as demais atividades, passaram a acontecer nas ruas do campus.

Atualmente, o Núcleo de Artes Afro-brasileiras está instalado nos barracões da USP. Após a ocupação, deste espaço em 2003, este espaço foi transformado e organizado através do trabalho colaborativo entre os membros do Grupo de Capoeira Guerreiros da Senzala e os alunos da Universidade que acompanhavam as aulas. Reconhecido em 2007 pela Pro-reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) da USP.

O Núcleo de Artes Afro-brasileiras surgiu de maneira oposta aos demais, afirma o contramestre de capoeira Luiz Antônio Nascimento Cardoso, mais conhecido como mestre Pinguim: “a maioria dos núcleos são criados a partir de ideias e planos, nós criamos o Núcleo de Artes Afro-brasileiras com base em trabalhos que já eram realizados”.

Imagem 6 Núcleo de Artes Afro-brasileira.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=LpY0nNAeoE4>

Capítulo 5

Cotidiano e cultura

5.1 Alienação Cotidiana

A alienação já não pode ser entendida nos dias atuais apenas como produto da desinformação e da falta de educação, consequência única de um alto índice de analfabetos, ou analfabetos funcionais, contraditoriamente, e a cada dia de forma mais intensa o excesso de informações (sem reflexões) e a velocidade cada vez mais rápidas dessas informações geralmente desnecessária, conduzem também a alienação, pois em sua imensa maioria não orienta a população em direção ao entendimento, à reflexão, mas sim confundem e aprofundam os processos de alienação, considerando que a maioria da população é bombardeada por milhares de informações metralhada pelos meios de comunicações modernos, informações geralmente produzidas com um viés mercadológico, aonde publicitários e profissionais de marketing criam e recriam necessidades desnecessárias, ocultando as verdadeiras necessidades dos seres humanos, é a sociedade burocrática de consumo dirigido como aponta Lefebvre.

A alienação é tão grande que na prática da vida cotidiana, as pessoas são julgadas pela cor de sua pele e pela classe social a qual pertence, chega-se ao absurdo de pessoas negras não se identificarem como negros, e praticarem preconceito contra o seu semelhante, fato este, que no fundo pode ser entendido como preconceito contra si mesmo, e contra seus antepassados e herdeiros, pois ao reproduzirem estes atos, eles se voltarão contra si, em algum momento, a maioria dos pobres também não tem consciência de classe, incorporando o discurso burguês de que a exploração do capital é coisa fictícia da esquerda e que através do trabalho ascenderá socialmente, isso ocorre a raríssimas exceções, neste sentido a exceção confirma a regra.

O cotidiano das ocupações do movimento negro na USP, não é nada fácil, sem nenhum apoio institucional, (apesar de reconhecido pelo PRCEU, o apoio deste ao Núcleo de Artes Afro foi apenas para dois projetos específico e por um prazo determinado, o qual já se esgotou) embora estes movimentos cumpram uma função social imprescindível a sociedade brasileira, consistindo em um ato e ao mesmo tempo, uma atitude de resistência e persistência, contra as forças homogeneizante as quais os cercam por todos os lados.

As ocupações parecem duas minúsculas ilhas rodeadas pela lógica do mar capitalista, sendo que se o nível deste mar subir um pouco cobrirá essas minúsculas ilhas, incorporando-as, mas se por outro lado o nível deste mar

abaixar, é possível que surjam novas ilhas, além do aumento do tamanho destas duas minúsculas ilhas de resistência, e de possíveis novas conexões com as novas ilhas que emergiram, criando quem sabe alguns arquipélagos, tal analogia serve apenas para demonstrar as diferenças das forças envolvidas, entre o mar capitalista, o que reúne as forças do saber e do poder, e as minúsculas ilhas, as duas ocupações do movimento negro na USP, um resíduo do processo hegemônico.

A luta e as causas defendidas por este resíduo contra o processo hegemônico e seu poder homogeneizante nos parecem utopia, mas jamais subestimaremos a capacidade do utópico se realizar e materializar-se na prática, até porque as principais transformações e evoluções da humanidade em seu princípio não passavam de um sonho muito distante, mais com muita luta e persistência puderam se materializar, num maior ou menor espaço de tempo, esta convicção permite a continuidade do sonho e da luta pela a igualdade racial, tanto na universidade como na sociedade.

5.2 Acesso ao Espaço Público Universitário

O acesso dos estudantes negros ao espaço público universitário paulista e brasileiro se dá de forma desigual, no caso das universidades públicas paulistas tais desigualdades acontecem de forma mais intensa, pois, são das poucas universidades públicas brasileiras, que ainda não adotaram o sistema de cotas raciais, adotadas por todas as universidades federais. Esse problema é mais grave na periferia. Nas áreas mais periféricas, mais pobres de todas as cidades, aonde se localiza a base da pirâmide social é impossível se separar a desigualdade social com a questão racial e educacional estando intrínseco e imanente um ao outro.

Tendo a compreensão límpida e clara que o acesso do jovem negro através de cotas na universidade pública paulista parece ser negado de todas as formas, com argumentos e desculpas estapafúrdias, mesmo considerando estas totalmente insuficiente para que se possa discutir igualdade racial, pois não se resolve o problema, premiando um ou outro aluno negro, já no final do processo da educação formal, se fazendo necessário investimentos desde o início do processo educativo.

É preciso sim, investir na melhoria da qualidade das escolas públicas desde os primeiros anos, fundamentalmente as escolas localizadas nas periferias, as quais em sua maioria não possuem o mínimo de qualidade possível, para formar o cidadão devido as suas condições precárias.

Mesmo se considerássemos como verdadeiros os argumentos do mito da “democracia racial”, e fosse dado ênfase apenas ao social, e a partir daí se

investisse concretamente na melhoria destas escolas, na qualificação e um salários justos para os professores resgatando a qualidade das escolas públicas (que deve ser o dever do Estado), seria possível multiplicar o número de alunos negros em todo ensino superior público, inclusive na USP, em menos de uma década e meia.

Só avançaremos na questão sócio/racial, quando o direito a uma educação de qualidade a todos, for alcançada de forma concreta e inequívoca, desta forma esta pesquisa serve também, como apelo a todos, para que exijam uma educação de boa qualidade, E por mais absurdo que possa parecer ao senso comum, esta conquista é o que se pode ter de mais revolucionário, no tempo contemporâneo, consideramos esta a única chave capaz de abrir o acesso ao espaço público universitário, aos que mais precisam.

5.3 cultura e seu poder revolucionário

Durante o período de nossa graduação e licenciatura em geografia na USP as conversas e discursões sobre o racismo, dentro e fora da universidade sempre foram constantes, alias antes mesmo de entrar na graduação, como aluno do cursinho pré-vestibular do NCN, o tema do racismo sempre esteve presente cotidianamente, em nossos pensamentos e reflexões; mas para sermos mais exatos, este tema nos incomoda desde a infância e adolescência, pois, como morador da periferia naturalmente, vários dos amigos eram negros, e naquela época década de 1980 o preconceito racial era cotidiano, escancarado e a questão racial naturalizada em todas as áreas das relações sociais, nas escolas, no trabalho, nos meios de comunicações etc. (Um exemplo que me veem à mente é o modo como o humorista Didi chamar Mussum de urubu, pássaro preto no programa “Os trapalhões” apresentado na rede Globo aos domingos no horário nobre era “engraçado” e provocava gargalhadas. Piadas e frases pejorativas com cunho racista sempre fizeram e fazem ainda parte da vida cotidiana aonde se situam as expressões faladas com a maior tranquilidade: “ o preto parado é suspeito correndo é ladrão” ; “preto quando não caga na entrada caga na saída” “tinha que ser preto” além de macaco babuíno, urubu; tiziu e outros. Mas as relações sociais eivadas de preconceito é também naturalizada nas musicas infantis (“negro preto do sobaco fedorento bate a bunda no cimento pra ganhar mil e quinhentos”).) Esses exemplos são apenas para ilustrar o quanto o preconceito e o racismo estão encravados e incrustados na cultura brasileira.

Para Lefebvre, a cultura contem os conhecimentos das superestruturas relacionados as ideologias, as quais se tornam eficazes com a intervenção da ciência na produção material, considerando a ideologia uma mistura conhecimentos e interpretações (religiosas e filosóficas), do mundo e do saber, enfim, a cultura seria uma mistura de ilusões, e também uma práxis, a qual

reparte os recursos da sociedade, e orienta o modo de produção, segundo este autor cultura não é um vã efervescência, considerando-a ativa e específica ligada a um modo de vida, e por outro lado ligado aos interesses de classe e as relações de produção e consumo (Lefebvre, 1991)

A restituição da obra e do sentido da obra não tem um objetivo “cultural”, mas pratico. De fato, nossa revolução cultural não pode ter finalidades simplesmente “culturais”. Ela orienta a cultura em direção a uma pratica: a cotidianidade transformada. A revolução muda a vida, não apenas o Estado ou as relações de propriedade. Não tomemos mais os meios como fim! Isso se enuncia desta maneira: “que o cotidiano se torne obra! Que a técnica esteja a serviço dessa transformação do cotidiano!” Mentalmente, o termo “obra” não designa mais um objeto de arte, mas uma atividade que se conhece, se concebe, que re-produz suas próprias condições, que se apropria dessas condições e de sua natureza (corpo, desejo, tempo, espaço), que se torna sua obra. Socialmente, o termo designa a atividade de um grupo que toma em suas mãos e a seu cargo seu papel e seu destino social, ou seja, uma autogestão. (Lefebvre, 1991, pag. 214-215)

Contraditoriamente, também no final da década de 1980 surge a cultura hip-hop, sendo o rap a expressão artística e também política deste movimento, através da musica, ritmo e poesia, com uma potente e vigorosa critica contra a desigualdade sócio/raciais, sendo o tema do racismo sempre presente em suas letras.

Assim como o samba, no seu inicio, logo foi tarjado com os termos pejorativos de praxe, musica de preto, de vagabundo, de ladrão, mas mesmo contra o poder hegemônico dos meios de comunicações, fez muito sucesso na década de 1990, principalmente com o grupo Racionais MCs, ao qual atribuímos como fundamental atributo para o sucesso, a capacidade deste grupo musical em retratar a realidade cotidiana do povo preto e pobre das periferias de São Paulo e do Brasil, além de promover a autoestima “ em ser negro” e de transmitir para os jovens e adolescentes a importância do estudo.

A seguir reproduziremos a letra da musica capítulo 4, versículo 3, do grupo Racionais MCs, com o intuito de reverberar a potencia critica desta, e uma certa relação, com as teorias apresentadas nesta pesquisa. Estas letras revelam os seguintes pontos que achamos importante para nossa análise:

a) Inicia-se a letra da musica elencando dados das praticas cotidianas de que são vitimas a população pobre e preta das periferias paulista da década de 1990, época de lançamento da musica.

b) Tem na indignação contra as opressões cotidianas, o cerne a essência da luta contra as desigualdades e injustiças, mas realiza a luta através da musica de forma pacifica, inteligente e contraditória, como pode ser percebido neste trecho da musica: Revolucionário, insano ou marginal antigo e moderno, imortal fronteira do céu com o inferno astral, imprevisível como um ataque cardíaco do verso violentamente pacifico verídico...

c) Semelhança com a teoria ao tratar o resíduo e também o irreduzível percebido claramente no trecho final da musica:

Seu comercial de TV não me engana, eu não preciso de status nem fama seu carro e sua grana já não me seduz, nem a sua puta de olhos azuis, (Irreduzível).

Efeito colateral que seu sistema fez (Resíduo que escapa ao processo hegemônico) Racionais capítulo 4 versículo 3.

A razão de mencionar o rap e trazermos uma musica do grupo Racionais MCs se deu especialmente pelo fato de que a imensa maioria dos alunos negros que estudam na USP com os quais conversamos se identificarem muito com este estilo de musica e principalmente com as mensagens passadas e transmitidas através da musica, sendo que muitos destes alunos negros quando perguntados sobre o que o rap significava para eles as duas respostas predominantes eram: O Rap me manteve de cabeça erguida; Ou o Rap me manteve vivo., inclusive dois destes alunos negros que estudam na USP e também fazem o curso de geografia Levi Domingos, canta rap, no ABC, e Tiago Cagnotto, que junto com Pedro Nube(também aluno negro da USP e que faz o curso de filosofia) os dois formam o KMT e lacaram o CD terra dos Pretos.

(Introdução)

60 por cento dos jovens de periferia sem antecedentes criminais

Já sofreram violência policial

A cada quatro pessoas mortas pela policia, três são negras.

Nas universidades brasileiras

Apenas 2 por cento dos alunos são negros

A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente

Em São Paulo

Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente.

(Mano Brown)

Minha intenção é ruim... Esvazia o lugar

Eu tô em cima, eu tô afim... Um dois pra atirar
Eu sou bem pior do que você tá vendo
O preto aqui não tem dó... é 100 por cento veneno
A primeira faz bum, a segunda faz tá
Eu tenho uma missão e não vou falhar
Meu estilo é pesado e faz tremer o chão
Minha palavra vale um tiro... eu tenho muita munição
Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além
E tem disposição pro mal e pro bem
Talvez eu seja um sádico, um anjo, um mágico
Juiz ou réu, um bandido do céu
Malandro ou otário, quase sanguinário
Franco atirador se for necessário
Revolucionário, insano ou marginal
Antigo e moderno, imortal
Fronteira do céu com o inferno
Astral imprevisível, como um ataque cardíaco no verso
Violentamente pacífico, verídico
Vim pra sabotar seu raciocínio
Vim pra abalar seu sistema nervoso e sanguíneo
Pra mim ainda é pouco. Brown cachorro louco
Numero um... Dia terrorista da periferia
Uni-duni-tê, eu tenho pra você
Um rap venenoso ou uma rajada de Pt
E a profecia se fez como previsto
1997 depois de Cristo
A fúria negra ressuscita outra vez

Racionais capítulo 4 versículo 3

(Ponte)

Aleluia (x2)

Racionais no ar

Filha da puta, pá pá pá

(Ice Blue)

Faz frio em São Paulo... pra mim tá sempre bom

Eu tô na rua de bombeta e moletom

Dim dim dom, rap é o som que emana do Opala marrom

E aí, chama o Guilherme

Chama o Wander, chama o Dinho... e o Di

Marquinho, chama o Éder, vamo aí

Que os outros mano vem pela ordem tudo bem melhor

Quem é quem no bilhar, no dominó

(Mano Brown)

Colou dois mano, um acenou pra mim

De jaco de cetim, de tênis, calça jeans.

(Ice Blue)

Ei Brown, sai fora, nem vai, nem cola

Não vale a pena dar ideia nesse tipo aí

Ontem à noite eu vi na beira do asfalto

Tragando a morte, soprando a vida pro alto

Ó os cara só o pó... pele e osso

No fundo do poço, mó flagrante no bolso

(Mano Brown)

Veja bem, ninguém é mais que ninguém

Veja bem, veja bem, e eles são nossos irmãos também

(Ice Blue)

Mais de cocaína e crack, uísque e conhaque

Os manos morre rapidinho sem lugar de destaque

(Mano Brown)

Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem fuma?

Nem dá... nunca te dei porra nenhuma

Você fuma o que vem... entope o nariz

Bebe tudo o que vê... faça o diabo feliz

Você vai terminar tipo o outro mano lá

Que era um preto tipo A... ninguém entrava numa

Mó estilo de calça Calvin Klein, tênis Puma

Um jeito humilde de ser no trampo e no rolê

Curtia um funk, jogava uma bola

Buscava a preta dele no portão da escola

Exemplo pra nós... mó moral, mó ibope

Mas começou a colar com os branquinhos do shopping

Ai já era... Ih, mano, outra vida, outro pique

Só mina de elite, balada, vários drinques

Puta de butique, toda aquela porra

Sexo sem limite, Sodoma e Gomorra

Hãn, faz uns nove anos
Têm uns quinze dias atrás eu vi o mano
Sê tem que ver... pedindo cigarro pro tiozinho no ponto
Dente tudo zuado, bolso sem nenhum conto
O cara cheira mal, as tias sente medo
Muito louco de sei lá o que, logo cedo
Agora não oferece mais perigo
Viciado, doente, fudido... Inofensivo
Um dia um P.m. negro veio embaçar
E disse pra eu me pôr no meu lugar
Eu vejo um mano nessas condições, não dá
Será assim que eu deveria estar?
Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor
Pelo rádio, jornal, revista e outdoor
Te oferece dinheiro, conversa com calma
Contamina seu caráter, rouba sua alma
Depois te joga na merda sozinho
Transforma um preto tipo A num neguinho
Minha palavra alivia sua dor
Ilumina minha alma, louvado seja o meu senhor
Que não deixa o mano aqui desandar rá
E nem senta o dedo em nenhum pilantra
Mas que nenhum filho da puta ignore a minha lei
Racionais capítulo 4 versículo 3

(Ponte)

Aleluia (x2)

Racionais no ar

Filha da puta, pá pá pá

(Edi Rock)

Quatro minutos se passaram e ninguém viu

O monstro que nasceu em algum lugar do Brasil

Talvez o mano que trampa debaixo do carro sujo de óleo

Que enquadra o carro forte na febre com o sangue nos olhos

O mano que entrega envelope o dia inteiro no sol

Ou o que vende chocolate de farol em farol

Talvez o cara que defende o pobre no tribunal

Ou o que procura vida nova na condicional

Alguém no quarto de madeira, lendo à luz de vela

Ouvindo rádio velho, no fundo de uma cela

Ou o da família real de negro como eu sou

Um príncipe guerreiro que defende o gol

(Mano Brown)

E eu não mudo, mas eu não me iludo

Os mano cu de burro tem, eu sei de tudo

Em troca de dinheiro e um cargo bom

Tem mano que rebola e usa até batom

Vários patrícios falam merda pra todo mundo rir

Há ha, pra ver branquinho aplaudir

É na sua área tem fulano até pior

Cada um, cada um... você se sente só

Tem mano que te aponta uma pistola e fala sério

Explode sua cara por um toca-fita velho
Click plau plau plau e acabou
Sem dó e sem dor, foda-se sua cor
Limpa o sangue com a camisa e manda se fuder
Você sabe por que, pra onde vai, pra quê
Vai de bar em bar, de esquina em esquina
Pega cinquenta conto, troca por cocaína
E fim o filme acabou pra você
A bala não é de festim, aqui não tem dublê
Para os mano da baixada fluminense à Ceilândia
Eu sei as ruas não são como a Disneylândia
De Guaianases ao extremo sul de Santo Amaro
Ser um preto tipo A custa caro
É foda... Foda é assistir a propaganda e ver
Não dá pra ter aquilo pra você
Playboy forgado de brinco, um trouxa
Roubado dentro do carro na Avenida Rebouças
Correntinha das moças, as madame de bolsa
Dinheiro... Não tive pai não sou herdeiro
Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal
Por menos de um real, minha chance era pouca
Mas se eu fosse aquele moleque de touca
Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca
De quebrada, sem roupa, você e sua mina
Um dois, nem me viu... já sumi na neblina
Mas não... Permaneço vivo, prossigo a mística
Vinte e sete anos contrariando a estatística

Seu comercial de TV não me engana

Eu não preciso de status nem fama

Seu carro e sua grana já não me seduz

E nem a sua puta de olhos azuis

Eu sou apenas um rapaz latino americano

Apoiado por mais de cinquenta mil manos

Efeito colateral que o seu sistema fez

Racionais capítulo 4 versículo 3

Link: <http://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/capitulo-4-versiculo-3.html#ixzz40JJkJtYn>

Algumas considerações para finalizar:

A formula e a forma de se negar o direito de acesso aos alunos negros na UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, se inicia já na infância com o sucateamento das escolas públicas periféricas, local aonde estudam a enorme maioria dos alunos negros. Salas com 40 ou mais alunos, quando vários especialistas em educação afirmam que o ideal para faixa etária dos alunos do ensino fundamental (6 à 14 anos) é de no máximo 25 alunos por sala de aula, aliadas aos péssimos salários e nas precárias condições de trabalho dos professores, os quais em sua maioria não possuem um preparo adequado para lecionar se soma às salas lotadas diminuindo a possibilidade do aprendizado em profundidade..

Soma-se as questões anteriores, o egoísmo e o individualismo, mesquinho da classe media o que nos faz crer que ao invés de exigir uma escola pública de qualidade para todos (inclusive e fundamentalmente para ela), se cala por acreditar que quanto mais gente frequentar as péssimas escolas públicas, menor será a concorrência para com seus filhos no momento do vestibular. Em conjunto com o Estado contribui para a manutenção de uma sociedade de desiguais.

Na fase posterior o estudante da periferia se defronta com o vestibular da FUVEST, o qual a esmagadora maioria dos alunos egressos das escolas públicas periféricas, desconhecem. Aqui, a desinformação representa a alienação esta é total. .

Mas, quando alguns poucos acessam a Universidade depois de longa via crucis, terá que lutar para receber apoio a sua permanência na universidade, de modo a igualar as desigualdades que estão no fundamento do vestibular.

Após todo este processo, discriminatório e perverso, o estudante negro “abençoado pela graça de estudar na USP”, se sentirá como um peixe fora d’água , isso se estudar na FFLCH, mas se estudar em outra faculdade, vai ser visto e se sentirá como um estranho, vindo de um planeta desconhecido. Isso porque, independente de qual curso os alunos negros façam na USP, todos os iluminados e abençoados reclamam da falta de espaço para a população negra, essa negação é percebida na sala de aula, aonde raramente encontrará alunos negros, e se durante toda a graduação assistir a uma aula ministrada por um professor negro, será a consagração estando o abençoado praticamente pronto para subir ao Céu.

Em relação às praticas racistas cotidianas dentro do espaço universitário elas se dão de formas mais sutis em comparação com as praticas racista na sociedade,(as quais ocorrem de forma mais escancaradas), mas nem por isso

ela é menos perversa, posto que se dissimulada através dos olhares, murmurinhos e exigência de carteirinha da USP, à priori apenas os alunos negros em vários prédios da universidade, constrangendo-os, enquanto os alunos não negros não são barrados e nem lhes são solicitado a apresentação de carteirinha, estas e outras ações demonstram a intenção de naturalizar os negros apenas de uniformes como funcionário no espaço universitário, e não como estudantes e muito menos como professor dentro do espaço do saber.

Já o processo de reprodução do espaço atual na universidade, além de não reparar a ausência de nenhum espaço institucional para os negros no espaço universitário, utilizou-se de varias formas de violência com a clara intenção de desapropriar o único espaço político e de legitima representação da população negra na USP, o NCN. Este como vimos anteriormente sofreu a intensificação nos ataques e ameaças de desapropriação e eliminação do seu espaço na universidade, o que só não ocorreu devido a heroica resistência de seus membros, colaboradores, professores, e todo o movimento negro dentro e fora da USP, reforçado pelo apoio do movimento estudantil.

Acreditamos ter demonstrado de forma inequívoca, através da produção e reprodução do espaço, o racismo institucional, estrutural e histórico na USP.

De qualquer forma deixamos um ultimo questionamento. Qual o espaço produzido pela universidade direcionado a população negra ou a sua cultura?

Falamos sobre o Rap em nossa pesquisa por termos convicção da sua importância cultural e social, além de sua potente critica racial e social, pois para muitos jovens (e outros não tão jovens) pretos e pobres, o Rap foi responsável por manter pelo menos a cabeça para fora da turbulência e violência do mar capitalista, evitando que se afogassem nas alienações cotidianas, ou de revoltar-se contra o sistema, com ações, atitudes e de forma errada, e ser oprimido pela brutalidade fálica do Estado a serviço do capital.

O Rap plantou e planta a semente da luta contra o racismo e a desigualdade social, o NCN, foi e é a terra fértil aonde algumas destas que germinaram e brotaram pudessem se desenvolver, e a FFLCH, mais especificamente a Geografia, produziu e produz o conhecimento através do qual sonhamos em cultivar uma nova cultura à qual esperamos elimine, ou pelo menos diminua muito, as desigualdades sócio/raciais em nosso país.

Para encerrarmos recitaremos uma poesia, a qual a priori foi escrita na tentativa de se fazer uma letra de rap; esta poesia surgiu simultaneamente com a ideia de se abordar o tema do racismo dentro da própria USP iluminando as contradições do espaço, representadas pelo NCN, dentro do universo do saber.

Para contextualização, esta poesia foi escrita no primeiro semestre de 2012, período em que cursamos a disciplina de geometropole, a qual nos foi muito

inspiradora, e também no momento em que nos sentíamos consternados com a desapropriação do Pinheirinho em São Jose dos Campos.

Assim, com as palavras a seguir encerramos essa etapa de nossa formação:

Escola da vida, palco de guerreiros:

Escola de guerreiros, que são formados nos palcos da vida
Que mora em um lugar trabalha muito longe cutucando a ferida
É limpar a piscina e nadar nas enchentes das tempestades da vida
Trabalhar dia e noite, pagar o imposto e não ter direito a guarida
Apanhar da policia ser jogado na rua pra virar noticia
Ser esculachado, ser pisoteado, ser evitado mais do que carniça
Mais o bom negão resiste a tortura a doença que não mata cura
Te fortalece, mas não se esquece de como a vida do povo preto é dura
Ele vai pra batalha, vai no fio da navalha não é fã de canalha
Quem não aguenta falha ele come migalha, mas não se entrega a laia
Desta elite canalha que por dinheiro vende a mãe e também veste saia.
Ele sobreviveu ao Estado, à sociedade ao vizinho do lado
Contornou o crime, driblou à policia, na escola da vida adquiriu malicia
Voltou a estudar, não parou de trabalhar quer se formar em ciências políticas
Quer saber do direito, quer trazer o respeito, quer fazer arquitetura
Levar arte e cultura pra essa gente de mente e alma pura
Quer trazer esperanças, iluminar as crianças, saúde educação qualidade de vida
Casa e dignidade pra cicatrizar a ferida desta gente sofrida
Trabalhar o necessário, não ser tão explorado, Não quer ser otário.
E enriquecer o artista que corrompe nossa mente, nos aliena instantaneamente
Através da TV internet e de igrejas que enganam os crentes

Precisamos abrir a mente, plantar a semente entender que somos seres humanos, semelhantes iguais

Não importa a cor ou à patente, como pode? Um rico outro pobre,

Um mendigo e um nobre quem tá no prejuízo é que cobre

Chegou o dia do preto e do pobre virar nobre

Quem quiser cobrar que cobre só quem tem fé é quem sobe

Não há revolução sem revolta, tudo que fizer um dia volta

Não vire as costas a quem não te deixou morrer de inanição

Povo preto e pobre da periferia

Deixe a revolta brotar volte a estudar, ponha armas nas mãos e mentes “livros”

Distribua as sementes

Vamos destruir o sistema, implantar nosso lema

Paz, solidariedade e igualdade, é só pra quem quer de verdade

E nós vamos até o fundo, pois só os incomodados é quem podem mudar o mundo!

Mais nós vamos até o fundo, pois os incomodados já começaram a mudar o mundo!.

(ANEXO A O QUE É O PIMESP.)

O que é o PIMESP?

Carlos Vogt

O Programa de Inclusão com Mérito no Ensino Superior Público Paulista – PIMESP – tem como metas:

1. Ter pelo menos 50% das vagas, para cada curso e turno, das instituições de ensino superior públicas do Estado de São Paulo preenchidas por alunos que cursaram integralmente o ensino médio em escolas públicas (EP);

Tomando como base os dados de 2012, do total de 44.158 vagas de graduação oferecidas pela USP, Unicamp, Unesp, Famerp, Famema e Fatecs, pelo menos 22.079 (50% de 44.158) seriam ocupadas por alunos oriundos de EP.

1 Os dados mencionados neste documento foram fornecidos pelas comissões de vestibulares de cada uma das universidades.

2. Do total de vagas a serem ocupadas por estudantes oriundos de escolas públicas, pelo menos 35% serão preenchidas por pretos, pardos e indígenas (PPIs). Esse é o percentual de PPIs no Estado de São Paulo, segundo o último Censo realizado pelo IBGE (2010).

No exemplo acima citado, com referência nos dados de 2012, das 22.079 matrículas ocupadas pelas metas (EP), pelo menos 7.728 (35% de 22.079) seriam de PPIs.

3. As metas para EP deverão ser atingidas ao longo de três anos, a partir de 2014, conforme o seguinte cronograma: 35% no primeiro ano, 43% no segundo ano e 50% (ou seja, a meta final programada) a partir do terceiro ano.

Com base nos dados de 2012, desta forma, para o primeiro ano de implantação do PIMESP, a meta de 35% corresponde a 15.456 vagas de graduação destinadas a alunos oriundos de escolas públicas (ou seja, 35% das 44.158 vagas totais oferecidas). No segundo ano, a meta de 43% corresponderá a 18.988 vagas para EP. A partir do terceiro ano será atingida a meta estabelecida de 50% das vagas totais de graduação para EP, o que equivale a 22.079 vagas, conforme assinalado acima.

Em relação aos PPIs, será mantida a proporção de 35% da meta total de EP para todos os anos.

Para o primeiro ano, por exemplo, das 15.456 vagas para EP, pelo menos 5.410 seriam preenchidas por PPIs (ou seja, 35% de 15.456). No segundo ano, seriam 6.646 (35% de 18.988) e, a partir do terceiro ano, 7.728 vagas seriam ocupadas para PPIs (35% de 22.079).

4. As metas valem para todos os seus cursos e em cada turno oferecido (e não apenas para a média total de cada Instituição).

Qual é a situação atual da distribuição das matrículas de graduação no ensino superior público paulista?

Segundo dados das universidades públicas estaduais e das Fatecs para 2012, por exemplo, das 44.158 vagas oferecidas, 23.875 foram ocupadas por egressos de escolas públicas e 8.552 por alunos que se declararam pretos, pardos ou indígenas. Na interseção entre os dois grupos, 6.395 vagas foram ocupadas por EP+PPI. Veja os dados para cada instituição, bem como a média geral e as porcentagens, na tabela abaixo:

Tabela 1. Número de vagas e de matriculados no ensino superior público paulista em 2012 (total, oriundos de Escola Pública (EP) e de Escola Pública autodeclarados como Pretos, Pardos e Indígenas (PPI)). Matriculados em 2012

Vagas	Total
	Pretos,
pardos e indígenas	
(PPI) (%)	Oriundos de
Escola	
Pública (EP) (%)	PPI + EP (%)
USP	10.733
	10.733
	1.511 (14%)
	3.048 (28%)
	793 (7%)
UNESP	7.094 7.034
	1.137 (16%)
	2.843 (40%)
	697 (10%)

UNICAMP	3.554	3.386
	529	(16%)
	1.088	(32%)
	305	(9%)
FAMEMA	120	160
	11	(7%)
	19	(12%)
	0	(0%)
FAMERP	119	119
	9 (8%)	24
(20%)	2 (2%)	
FATEC-CPS	22.538	
	22.538	
	5.355	(24%)
	16.853	(75%)
	4.598	(20%)
Total	44.158	
	43.970	
	8.552	(19%)
	23.875	(54%)
	6.395	(15%)

Qual é a vantagem das metas do PIMESP valerem para cada curso e turno?

Considerando a ocupação das vagas nas universidades e Fatecs em 2012, na média, mais da metade (54%) foram ocupadas por alunos oriundos de escolas públicas (tabela 1). Entretanto, o padrão de distribuição, sendo diferente entre as universidades e faculdades, não é isso que acontece em todos os cursos e turnos, principalmente nos mais concorridos. e, nos cursos mais concorridos, Por esse motivo, o programa paulista tem ainda maior relevância: vai garantir pelo menos 50% as matrículas de egressos do ensino médio público (e destes, 35% de PPI) em todos os cursos e turnos.

Dessa forma, para que as metas do PIMESP sejam atingidas, de acordo com os dados para cada um dos cursos e turnos das Universidades e Fatecs para 2012, seriam necessários, no total, mais 4.520 alunos egressos de escola pública matriculados nos diferentes cursos e turnos que não atingem esse valor

de 50%. E, para que dos 50% de alunos oriundos de escolas públicas, 35% sejam PPI, é necessário que, destes 4.520 alunos, 2.543 sejam pretos, pardos e indígenas (EP+PPI). Veja os dados para cada instituição na tabela a seguir:

Tabela 2. Diferencial (Δ) de matriculados oriundos de Escola Pública (EP) e de Escola Pública autodeclarados como Pretos, Pardos e Indígenas (PPI) necessários para o preenchimento das metas propostas no PIMESP em cada curso e turno oferecidos pelas instituições. Vagas em 2012 Para atingir 50% EP e, destes, 35% PPI em cada curso e turno:

Δ EP	Δ EP + PPI
USP	10.733 2.388 1.128
UNESP	7.094 1.234 652
UNICAMP	3.554 678 307
FAMEMA	120 61 28
FAMERP	119 36 19
FATEC-CPS	22.538 124 408
Total	44.158 4.520 2.543

Δ EP: estimado considerando-se 50% de egressos de EP em cada curso oferecido

Δ PPI: estimado considerando-se 35% de PPI sobre os 50% de EP em cada curso oferecido

Dados UNESP incluem as vagas de início e as do meio do ano

Ou seja, as metas do PIMESP valem para cada um dos cursos e turnos, inclusive os mais concorridos.

Tomando como exemplo o curso de Medicina da USP em São Paulo, temos o seguinte quadro: do total de 175 alunos ingressantes em 2012, 31 são oriundos de escolas públicas (EP), 20 são pretos, pardos e indígenas (PPI) e 7

pertencem simultaneamente aos grupos EP e PPI. A meta desejada é de pelo menos 88 alunos egressos de EP (50% do total) e, destes, pelo menos 31 de pretos, pardos e indígenas (35%). Portanto, considerando os dados de 2012, seriam necessários, em três anos, a partir de 2014, mais 57 alunos egressos de escolas públicas (totalizando 88 alunos EP), dos quais 24 pretos, pardos e indígenas (totalizando 31 EP+PPI).

Para o curso de Ciências Médicas da USP-Ribeirão Preto, do total de 99 alunos ingressantes em 2012, 22 são oriundos de escolas públicas (EP), 10 são PPI e 4 são EP+PPI. A meta buscada é de 50 alunos egressos de EP (50% do total) e, destes, 17 de PPI (35%). Assim, considerados os dados de 2012, seriam necessários, em três anos, a partir de 2014, mais 28 alunos EP para totalizar os 50 alunos da meta, dos quais 13 EP+PPI para compor os 35% da meta (17 alunos).

Outro exemplo: para o curso de Física Médica, também da USP de Ribeirão Preto, do total de 40 alunos ingressantes em 2012, 11 são oriundos de escolas públicas (EP), 4 são PPI e 2 são EP+PPI. A meta, no caso, é de 20 alunos EP (50% do total de ingressantes) e, destes, 7 de PPI (35%). Tendo em vista os dados de 2012, seriam necessários, em três anos, a partir de 2014, mais 9 alunos EP para atingir a meta de 20 alunos, dos quais 5 EP+PPI para chegar aos 35%, também estipulados como parte da meta.

No caso do curso de Medicina da Unicamp, por exemplo, segundo os dados de 2012, do total de 110 alunos ingressantes, 13 são oriundos de escolas públicas, 14 são pretos, pardos e indígenas e 3 são EP+PPI. Novamente, para atingir a meta de 55 alunos oriundos de EP (ou seja, 50% do total) e, destes, 19 PPIs (35%), faltariam 42 alunos egressos de escolas públicas, dos quais 16 deveriam ser PPIs.

Considerando, por exemplo, o curso de Engenharia Química/Metalúrgica/de Materiais/e de Minas da USP-São Paulo, o quadro seria o seguinte: do total de 110 alunos ingressantes em 2012, 19 são oriundos de escolas públicas (EP), 13 são pretos, pardos ou indígenas (PPI) e 5 são EP+PPI. A meta a ser alcançada, no caso, é de pelo menos 55 alunos egressos de EP (50% de 110) e, destes, ao menos 19 de PPI (35%). Desse modo, levando-se em conta os dados de 2012, seriam necessários, em três anos, a partir de 2014, mais 36 alunos de egressos de escolas públicas (totalizando 55 alunos EP), dos quais 14 pretos, pardos ou indígenas (totalizando 19 EP+PPI).

Tabela 3. Número de matriculados nos cursos 2012 (total, oriundos de Escola Pública (EP), autodeclarados Pretos, Pardos e Indígenas (PPI)), metas do PIMESP e diferencial (Δ) entre matriculados em 2012 e metas PIMESP.

Matriculados em 2012	Metas
PIMESP	Diferencial
(Δ) de matriculados em 2012 e metas PIMESP	

Curso	Total PPI	EP EP+PPI EP EP+PPI Δ PPI Δ
EP+PPI		
Medicina USP-SP	175 20 88 57	31 7 31 24
Ciências Médicas USP-Ribeirão Preto	99 10 50 28	22 4 17 13
Física Médica USP-Ribeirão Preto	40 4 20 9	11 2 7 5
Medicina Unicamp	110 14 55 42	13 3 19 16
Engenharia USP-SP (Poli)	110 13 55 36	19 5 19 14

Como essas metas serão atingidas?

As metas propostas no PIMESP são escalonadas em três anos a partir de 2014, sendo aplicada a meta de 35% para estudantes oriundos de escolas públicas no primeiro ano e de 43% no segundo, chegando ao cenário proposto de 50% de egressos de EP no terceiro ano. A cada ano será mantido o percentual de 35% da meta para PPIs. Na tabela a seguir estão os números previstos no escalonamento, considerando os diferenciais mostrados na tabela 2.

Tabela 4. Escalonamento para o cumprimento das metas em três anos.

Tabela 4. Escalonamento para o cumprimento das metas em três anos.
Escalonamento EP

	Escalonamen	
to EP+PPI		
35%	43%	50%
	50%	35%
	43%	50%
	50%	
Ano 1	Ano 2	Ano 3
	Ano 4	Ano 1
	Ano 2	Ano 3
	Ano 4	
USP	1.108	1.708
	2.388	2.388
	637	871
	1.128	1.128
UNESP	626	919
	1.234	1.234
	385	514
	652	652
UNICAMP	321	488
	678	678
	167	233
	307	307
FAMEMA	41	50
	61	61
	20	24
	28	28
FAMERP	19	27
	36	36
	13	16
	19	19
FATEC-CPS	43	80
	124	124
	77	213
	408	408
Total	2.158	3.272
	4.520	4.520
	1.299	1.870
	2.543	2.543

Parte das metas deverá ser atendida com os esforços de inclusão empreendidos pelas universidades (através dos chamados “planos institucionais de recrutamento de estudantes capacitados”). Atualmente, as instituições públicas paulistas de ensino superior já desenvolvem diferentes programas de inclusão, que têm possibilitado o ingresso de um número crescente de alunos oriundos de escolas públicas (EP) e de pretos, pardos ou indígenas (PPIs). Entre eles estão os cursinhos pré-vestibulares da Unesp, o Programa de Formação Interdisciplinar Superior (ProFIS) e o Programa de Ação Afirmativa e Inclusão Social (PAAIS) da Unicamp, o Programa de Inclusão Social da USP (Inclusp) e o Sistema de Pontuação Acrescida das Fatecs. À medida que se mostrar necessário, estes planos serão ajustados e outros poderão ser desenvolvidos no âmbito das instituições.

Outra parte das metas prevista no PIMESP, por sua vez, será atingida por meio do Instituto Comunitário de Ensino Superior (ICES).

O que é o Instituto Comunitário de Ensino Superior (ICES)?

A proposta de implantação do Instituto Comunitário de Ensino Superior (ICES) pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp), em parceria com a USP, a Unicamp, a Unesp e o Centro Paula Souza, além de auxiliar no cumprimento das metas estabelecidas no projeto do PIMESP, contribuirá para a criação de uma nova modalidade de oferta de ensino superior público gratuito no Estado de São Paulo. O ICES ofertará cursos sequenciais que contribuirão para aumentar a oferta de vagas no sistema, agregando aos bacharelados tradicionais e tecnológicos, uma modalidade de ensino que alia a formação básica ampla e geral ao encaminhamento da formação profissional dos jovens estudantes.

Como funcionarão os cursos do ICES?

Os cursos terão duração de dois anos, e serão voltados para o desenvolvimento de estudos gerais de nível superior. O formato dos cursos será semi-presencial, com uma distribuição das atividades didáticas meio a meio: 50% presencial, 50% a distância.

Como cursos de formação geral, visam à formação superior e à formação para funções profissionais que, embora regulamentadas no mercado de trabalho, nem sempre são contempladas pelos cursos tradicionais de graduação. O objetivo é ampliar a formação cultural dos estudantes, possibilitando, além da sua capacitação, a plena inserção na sociedade contemporânea.

De um modo geral, como exemplo, todos os concursos públicos aceitam o diploma de nível

superior obtido em cursos dessa natureza.

Essa nova modalidade de curso sequencial de dois anos, além de diplomar os concluintes no ensino superior, dará aos egressos do ICES também a garantia de vaga num curso de graduação no ensino superior público estadual, sem a necessidade de vestibular. Espera-se que, a partir do terceiro ano de implementação do PIMESP, pelo menos 60% das vagas estabelecidas nas metas sejam atendidas com os esforços empreendidos pelas universidades, pelas Fatecs e pela Univesp, e os outros 40% através do ICES. O ICES oferecerá 2.000 vagas anuais para alunos que cursaram ensino médio integralmente em escolas públicas, sendo 1.000 delas reservadas a estudantes PPIs. A seleção dos alunos para ingresso no ICES se dará por meio das notas obtidas no Enem.

Os concluintes do primeiro ano do curso sequencial oferecido pelo ICES com aproveitamento superior a 70% terão ingresso garantido em cursos das Fatecs, com possibilidades de escolha da vaga conforme desempenho no curso. Os concluintes do segundo ano do curso, por sua vez, também com aproveitamento superior a 70%, terão ingresso garantido em cursos das universidades estaduais e Fatecs, com possibilidades de escolha da vaga conforme desempenho no curso.

Os cursos sequenciais oferecidos pelo ICES, dessa forma, configuram uma nova modalidade de ensino superior no Estado, que, além de diplomar seus concluintes, também dão acesso direto às Universidades e Fatecs, contribuindo assim para o cumprimento das metas propostas no PIMESP. O curso, no entanto, não é pré-requisito para o aluno de escola pública e/ou PPIs ingressar no ensino superior público paulista, já que ele poderá fazê-lo através dos programas de inclusão de cada instituição (também voltados para o cumprimento das metas do PIMESP) ou pelo processo seletivo tradicional, por concurso vestibular.

Os estudantes que fizerem parte do PIMESP terão algum tipo de ajuda financeira?

Para o pleno funcionamento do PIMESP, será criado um fundo especial para apoio à inclusão, na forma de uma bolsa-manutenção no valor de meio salário mínimo concedida aos alunos com renda familiar inferior a 1,5 salários mínimos, para suprir necessidades com transporte e alimentação - o que garante mais do que a inclusão, mas a manutenção do incluído na vida acadêmica, seja no curso sequencial para a formação geral, seja na graduação.

Quais serão os investimentos necessários para a implantação do PIMESP?

Os investimentos anuais previstos para o Programa de Inclusão com Mérito no Ensino Superior Público Paulista somarão R\$27,0 milhões no primeiro ano, crescendo progressivamente até atingir R\$94,7 milhões no sétimo ano, a partir de quando permanecerão constantes.

Tabela 5. Investimento total anual do Programa de Inclusão com Mérito no Ensino Superior Público Paulista. (Valores em R\$ - milhões)

	Ano 1	Ano 2	Ano 3	Ano 4	Ano 5	Ano 6	Ano 7	Ano 8
Bolsas Assistenciais de Permanência	15,517	33,580	46,719	58,260	69,056	74,698	77,679	77,679
Outros investimentos ICES	11,500	17,000	17,000	17,000	17,000	17,000	17,000	17,000
Custo total do PIMESP	27,017	50,580	63,719	75,260	86,056	91,698	94,679	94,679

Quais são as principais diferenças do PIMESP em relação a outras iniciativas do gênero?

O projeto do PIMESP apresenta vantagens em relação a outras iniciativas do gênero, primeiramente, por não impor a reserva de um número restrito de vagas (cotas), mas sim trazer metas a serem atingidas – e que poderão, dessa forma, ser inclusive superadas em cada período proposto.

O grande diferencial do PIMESP é a criação do Instituto Comunitário de Ensino Superior (ICES), com oferta do curso superior sequencial. Este curso possibilitará uma formação em nível superior para um grande número de egressos das escolas públicas, inaugurando uma nova modalidade no ensino superior público paulista visando à formação geral para a sociedade contemporânea, como acontece em muitos dos países desenvolvidos. Além disso, o curso oferecido pelo ICES também contribuirá para o cumprimento das metas propostas pelo PIMESP para o ingresso nas universidades públicas paulistas e no Centro Paula Souza dos alunos que se destacarem em mérito e queiram dar seguimento aos seus estudos, contribuindo fortemente, ainda, para as condições acadêmicas de sua permanência na universidade.

Quais são os próximos passos?

O projeto do PIMESP, elaborado no âmbito do Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (CRUESP) pelos dirigentes das instituições, a superintendência do Centro Paula Souza e a presidência da Univesp, tem o aval do Governador do Estado, principalmente no que se refere à criação do fundo especial para apoio à inclusão. O projeto está sendo discutido internamente nas Universidades e Fatecs, e somente entrará em vigor se for aprovado nos respectivos conselhos, respeitando, dessa forma, a plena autonomia universitária vigente em nosso Estado desde 1989. Considerando-se que as aprovações aconteçam até o meio deste ano, as devidas providências poderão ser tomadas em tempo hábil para que o PIMESP entre em vigor já em 2014.

Considerações

Entre os que querem mais e os que querem menos está o PIMESP, isto é, na confluência da tensão de desejos opostos e forças contrárias, que produzem como resultado a mesma negação. Os que querem menos tendem a defender a manutenção do status quo, recusando considerar qualquer tipo de proposta que objetive programas de inclusão social, mesmo com características fortes de defesa do mérito e da qualidade do ensino, como é o caso do que propõe o PIMESP. Os que querem mais almejam um programa que reserva vagas nas universidades e ponto final.

A proposta do PIMESP, nascida e formulada por iniciativa dos reitores das universidades estaduais públicas paulistas, da superintendência do Centro

Paula Souza e da presidência da Univesp, procura harmonizar uma resposta positiva do sistema de ensino superior público às demandas socioétnicas do Estado, com a garantia da oferta de qualidade dos cursos para o processo de inclusão que ele contempla, com resultados quantitativos no mínimo iguais, se não maiores, aos de outras iniciativas do gênero no país.

Em termos qualitativos, o projeto se destaca por garantir a distribuição das vagas ocupadas pelas metas por todos os cursos e turnos e, ainda, por trazer na proposta do Instituto Comunitário de Ensino Superior (ICES), o princípio de criação de uma nova modalidade de oferta de ensino superior público gratuito no Estado de São Paulo, que virá contribuir para aumentar a oferta de vagas no sistema, agregando aos bacharelados tradicionais e tecnológicos uma modalidade de ensino que alia formação básica ao encaminhamento cultural e profissional dos jovens estudantes.

BIBLIOGRAFIA:

Andrews, George Reid, 1951- Negros e brancos em São Paulo (1888-1988) /George Reid Andrews; tradução: Magda Lopes; revisão técnica e apresentação Maria Ligia Coelho Prado- Bauru, SP: EDUSC, 1988.

Bastide, Roger, e Fernandes, Florestan, Brancos e negros em São Paulo, 4ª EDIÇÃO, Global Editora, 2008.

Bensaid, Daniel. (2008) os irreduzíveis, Teorema da resistência para o tempo presente.

Carlos, Ana Fani Alessandri. A condição espacial São Paulo, contexto 2011

Metageografia: o ato de conhecer a partir da geografia.

Carlos, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo FFLCH, 2007

Chauí, Marilena Cidadania cultural/ Marilena Chauí- 1 ed. São Paulo: Editora fundação Perseu Abramo, 2006

Chauí, Marilena ed. Ática São Paulo 2000

Fernandes, Florestan. A integração do negro à sociedade de classes; Rio de Janeiro GB—1964

Fernandes, Florestan. O negro no mundo dos brancos; apresentação de Lília Moritz Schwarcz 2ª edição, Global Editora, São Paulo, 2007

Gorz, André. O Imaterial, conhecimento, valor e capital São Paulo annablume,

Hasenbalg, Carlos, A. Discriminação e desigualdades sociais no Brasil, Belo Horizonte: editora UFMG

Hasenbalg, Carlos, A. estrutura Social, mobilidade e Raça/ Carlos A. Hasenbalg e Nelson do Valle Silva.—São Paulo: vértice, Editora revista dos tribunais do Rio de janeiro; Rio de Janeiro: Instituto universitário de pesquisas do Rio de Janeiro, 1988

Lefebvre, Henri. A produção do espaço, 2006

Lefebvre, Henri. A vida cotidiana no mundo moderno 1991 editora Ática São Paulo

Lefebvre, Henri. O direito a cidade São Paulo editora centauro 2008

Lefebvre, Henri. urbano, Tradução: margarida Maria de Andrade

Marx, Karl. Para a critica da economia politica, tradução Edgard Malagodi, 1999, Editora nova cultural Ltda.

Seabra, Odete Carvalho de Lima. A Insurreição do uso

Serpa, Ângelo. Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica. Geousp- Espaço e Tempo 2004.